U.PORTO

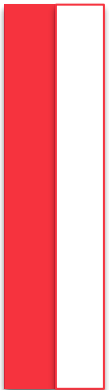
MESTRADO
ECONOMIA E GESTÃO INTERNACIONAL

O Impacto da Globalização na Redução da Pobreza: Evidências de 15 países da América Latina no período de 2000-2019

Ana Rita Pedrosa Maia

M

2025



FACULDADE DE **ECONOMIA**

U.PORTO
FEP FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DO PORTO

O Impacto da Globalização na Redução da Pobreza: Evidências de 15 países da América Latina no período de 2000-2019

Ana Rita Pedrosa Maia

Dissertação
Mestrado em Economia e Gestão Internacional

Orientado por
Prof. Drª Rosa Maria Correia Fernandes Portela Forte

2025

Agradecimentos

Durante a realização desta dissertação pude contar com o apoio de várias pessoas, às quais sou bastante grata.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Professora Doutora Rosa Forte, a minha orientadora, pela contínua disponibilidade, orientação e apoio prestados ao longo deste percurso. Os seus conselhos foram essenciais nas várias fases deste trabalho, contribuindo de forma decisiva para a melhoria da sua qualidade.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer a toda a minha família, em especial aos meus pais e ao meu irmão, que me acompanharam durante todo este percurso.

Também quero agradecer a todos os meus amigos que sempre acreditaram em mim e que me apoiaram nos momentos mais difíceis desta etapa.

Por fim, agradeço à Faculdade de Economia da Universidade do Porto, bem como aos meus professores e colegas de mestrado que estiveram comigo durante este processo.

Resumo

Nos últimos anos tem-se assistido a uma crescente interdependência dos países resultante do processo de globalização. Este processo, caracterizado pela crescente importância do comércio internacional e integração global, impacta os países a diferentes níveis, entre eles, na pobreza. Apesar de, nas últimas décadas, se ter verificado uma redução dos níveis mundiais de pobreza, existem países que apresentam taxas de pobreza bastante significativas, sobretudo, os em desenvolvimento, como é o caso dos países da América Latina, pelo que é importante estudar o impacto da globalização na pobreza nesses países. Adicionalmente, os resultados dos estudos empíricos que estudaram o impacto da globalização na pobreza não foram consensuais e poucos foram os que se concentraram na relação entre globalização e pobreza nos países da América Latina. Assim, o presente trabalho visa abordar o impacto da globalização na redução da pobreza na América Latina, de modo a preencher esta lacuna na literatura, com base numa amostra de 15 países para o período de 2000 a 2019, recorrendo a modelos de estimação de dados em painel.

Os resultados indicam que a globalização, medida através do índice KOF, ajuda a reduzir a taxa de pobreza nos países selecionados. Porém, este efeito não é consistente para as dimensões individuais da globalização (económica, social e política), pois os resultados sugerem que apenas a dimensão política ajuda significativamente no alívio da pobreza. Ademais, verificou-se que uma boa qualidade de governação, o investimento público em saúde e o acesso à eletricidade são importantes promotores para a diminuição dos níveis de pobreza na América Latina.

Palavras-chave: Globalização, Pobreza, América Latina, Taxa de Pobreza, Índice de Globalização KOF

Abstract

In recent years, there has been a growing interdependence of countries resulting from the globalization process. This process, characterized by the increasing importance of international trade and global integration, affects countries at different levels, including poverty. Even though, in recent decades, there has been a reduction in global poverty levels, there are countries that still present quite significant poverty rates, especially developing ones, such as the countries of Latin America. Therefore, it is important to study the impact of globalization on poverty in these countries. Additionally, the results of empirical studies that have examined the impact of globalization on poverty have been inconclusive and few studies have focused on the relationship between globalization and poverty in Latin American countries. Thus, this study aims to address the impact of globalization on poverty reduction in Latin America, to fill this gap in the literature, based on a sample of 15 countries for the period from 2000 to 2019, using panel data estimation models.

The results indicate that globalization, measured through the KOF index, helps to reduce poverty rates in the selected countries. However, this effect is not consistent across the individual dimensions of globalization (economic, social and political) since the results suggest that only the political dimension significantly contributes to poverty alleviation. Additionally, it was found that good governance quality, public investment in health and access to electricity are important promoters for the reduction of poverty levels in Latin America.

Keywords: Globalization, Poverty, Latin America, Poverty Headcount Ratio, KOF Globalization Index

Índice

Agradecimentos i

Resumo ii

Abstract iii

Índice de Tabelas v

Índice de Figuras v

Lista de Siglas vi

1. Introdução 1

2. Revisão de Literatura 3

2.1. Pobreza: definições, medidas e determinantes 3

2.2. Globalização: dimensões e efeitos 5

2.3. Relação entre Globalização e Pobreza: canais de ligação 7

2.4. Relação entre Globalização e Pobreza: estudos empíricos 10

3. Metodologia 17

3.1. Modelo Econométrico e descrição das variáveis 17

3.2. Estatísticas descritivas e evolução temporal das variáveis 21

3.3. Análise das Correlações entre as variáveis 26

4. Estimação do modelo e discussão dos resultados 28

4.1. Estimação do modelo: resultados empíricos 28

4.2. Discussão dos Resultados 34

5. Conclusões 37

Bibliografia 40

Anexos 47

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Estudos empíricos que analisam a relação entre globalização e pobreza 11
Tabela 2 - Variáveis independentes do modelo 21
Tabela 3 - Estatísticas descritivas 22
Tabela 4 - Matriz de Correlações 27
Tabela 5 - Resultados da Estimação 30
Tabela 6 - Resultados da estimação do modelo 1 com efeitos fixos e dummies anuais considerando medidas alternativas da variável globalização 33

Tabela A1 - Países que constituem a amostra 47
Tabela A2 - Teste VIF 50
Tabela A3 - Teste de Hausman 50
Tabela A4 - Teste Wald 51

Índice de Figuras

Figura 1- Canais de Ligação entre Globalização e Pobreza 8
Figura 2 - Evolução da média da Taxa de Pobreza de 2.15$ por dia (2017 PPP) (% da população) na América Latina, 2000-2019 24
Figura 3 - Evolução da média do Índice de Globalização KOF na América Latina, 2000-2019 25

Figura A1 - Evolução do Índice de Globalização KOF no Mundo, 1990-2019 47
Figura A2 - Evolução da Taxa de Pobreza de 2.15$ por dia (2017 PPP) (% da população) nos 15 países da amostra, 2000-2019 48
Figura A3 - Evolução do Índice de Globalização KOF nos 15 países da amostra, 2000-2019 49

Lista de Siglas

ARDL - Autoregressive Distributed Lag

BM – Banco Mundial

CEPAL – Comissão Económica para a América Latina

CRINU – Centro Regional de Informação das Nações Unidas

FGLS – Feasible Generalized Least Squares

FMI – Fundo Monetário Internacional

GMM – Generalized Method of Moment

I&D – Investigação e Desenvolvimento

IDE – Investimento Direto Estrangeiro

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

OLS – Ordinary Least Squares

PIB – Produto Interno Bruto

PMG – Pooled Mean Group

PPC – Paridade do Poder de Compra

TI – Tecnologias de Informação

VIF – Variance Inflation Factor

2SLS – Two Stages Least Squares

1. Introdução

A globalização pode ser entendida como um processo que conduz à crescente interdependência de países em todo o mundo, através de fatores como o aumento das transações transfronteiriças de bens, serviços e capital e do rápido desenvolvimento tecnológico (van Meerhaeghe, 2012). Este fenómeno, nas suas distintas dimensões (económica, social e política), apresentou um elevado crescimento desde 1970, sobretudo após a Guerra Fria (KOF Swiss Economic Institute, 2024), impactando os países a diferentes níveis, em particular a pobreza.

A literatura acerca dos efeitos que a globalização tem na pobreza não é consensual. Por um lado, Hassan et al. (2020) indicam que a globalização ao impulsionar o crescimento económico, criar oportunidades de emprego e promover um aumento do comércio, contribui para a redução dos níveis de pobreza. Por outro lado, há quem argumente que a globalização expande a pobreza, provocando um aumento das desigualdades, suprimindo quaisquer ganhos, para os pobres, resultantes do crescimento do comércio (Harrison & McMillan, 2007).

Segundo Hassan et al. (2020), a pobreza é um fenómeno mundial que ocorre quando é negado aos indivíduos a satisfação das suas necessidades essenciais que garantem a sua sobrevivência e sustento. Esta pode ser expressa através de vários fatores como a ausência de rendimentos e do acesso a serviços como a educação, saúde, crédito e transportes públicos (Hassan et al., 2020). Apesar da redução dos níveis de pobreza mundiais, nas últimas décadas, existem grandes disparidades a nível regional, o que torna a redução de pobreza um grande desafio para o futuro (Alvi & Senbeta, 2014). Dados do Centro Regional de Informação das Nações Unidas (CRINU), revelam que, atualmente, 780 milhões de pessoas vivem abaixo do Limiar Internacional de Pobreza (CRINU, 2024b). A pobreza extrema representa cerca de 11% da população mundial e, no caso concreto dos países em desenvolvimento, uma em cada dez pessoas vive nesta condição (CRINU, 2024c). Relativamente à América Latina, cerca de 201 milhões de pessoas, correspondente a 32,1% da população total da região, vivem em situação de pobreza e 82 milhões (13,1% da população) encontram-se em pobreza extrema (Comissão Económica para a América Latina (CEPAL), 2022). A pobreza é um fenómeno que preocupa a comunidade internacional. Os líderes mundiais comprometeram-se a alcançar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), sendo que o primeiro

consiste em erradicar, globalmente, a pobreza extrema até 2030 (CRINU, 2024a). Conforme indicado pela Fairtrade Foundation (2015), o comércio, uma das vertentes da globalização económica, pode funcionar como um mecanismo que permite a minimização dos níveis de pobreza dos países, desde que as condições comerciais estejam ajustadas entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Múltiplos autores analisaram o impacto da globalização em fatores como o acesso à segurança alimentar, (e.g., Dithmer & Abdulai, 2017; Ketu & Nguea, 2024), o crescimento económico (e.g., Bergh & Nilsson, 2010), a inclusão financeira (e.g., Villanthenkodath & Pal, 2024), a convergência dos níveis de rendimento entre os países (e.g., Li et al., 2022), entre outros. Apesar destes fatores estarem, de certa forma, relacionados com a pobreza, pelo nosso conhecimento, são poucos os estudos que se concentram na pobreza como um conceito único e complexo. Além disso, a maioria dessas análises são relativas a grupos de países, principalmente da Ásia (e.g., Li et al. (2022) e Villanthenkodath & Pal (2024)) e África (e.g., Ketu & Nguea (2024)), dado que incorporam a maior parte das economias em desenvolvimento. No entanto, poucos estudaram a relação entre a globalização e a pobreza nos países da América Latina. Nesse sentido, o presente trabalho recai sobre uma matéria pouco abordada na literatura e relativamente à qual não existe consenso. O objetivo é o de analisar o efeito da globalização na pobreza com foco nos países da América Latina no período de 2000 a 2019. Esta investigação procura, assim, responder à seguinte questão: "Qual o impacto da globalização nos níveis de pobreza da América Latina?". Dada a sua multidimensionalidade, a globalização vai ser representada pelo KOF, um indicador que considera três dimensões: económica, social e política, sendo que a maioria dos estudos se concentra na vertente económica.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma. O capítulo 2 é relativo à revisão de literatura, no qual, inicialmente, é explicado o conceito de pobreza, as suas medidas e determinantes, posteriormente é analisada a globalização, as suas dimensões e efeitos e, por fim, os mecanismos teóricos e estudos empíricos que explicam a ligação entre globalização e pobreza. Em seguida, o capítulo 3 explica a metodologia adotada neste estudo, as estatísticas descritivas, a evolução temporal das variáveis e respetivas correlações. Os resultados empíricos são apresentados e discutidos no capítulo 4. Por fim, o capítulo 5 contém as conclusões do estudo, bem como as suas limitações e recomendações para investigação futura.

2. Revisão de Literatura

A revisão de literatura está estruturada em 4 secções. A secção 2.1 visa explicar o conceito de pobreza, de que forma é que esta é medida e quais os seus determinantes. Posteriormente, é explicado o conceito de globalização, as respetivas dimensões e são apresentadas diferentes perspetivas do impacto deste fenómeno (secção 2.2). A secção 2.3 discute os impactos que a globalização teve na pobreza com base na literatura existente. Finalmente, a última secção (2.4) contém uma revisão dos estudos empíricos centrados na relação entre globalização e pobreza.

2.1. Pobreza: definições, medidas e determinantes

A pobreza é um conceito multidimensional e, consequentemente, diversos autores classificam-na de formas distintas. O Banco Mundial caracteriza as pessoas extremamente pobres como aquelas que vivem com 2,15 dólares por dia ou menos, para os países de baixo rendimento (Banco Mundial, 2024b). Este indicador tem revelado uma diminuição global acentuada passando de 1,9 mil milhões em 1990 para 738 milhões em 2015 (Wadhwa, 2018). Para Ramskyi (2021), as pessoas são designadas como pobres quando o seu rendimento é bastante inferior ao rendimento da comunidade como um todo, independentemente de ser ou não suficiente para sobreviver.

Atualmente, pode-se dizer que existem três categorias de pobreza: pobreza absoluta, pobreza relativa e pobreza resultante de exclusão social. Wu et al. (2024) descrevem a pobreza absoluta como a privação das necessidades humanas básicas, como por exemplo, alimentação, água potável, saúde, educação, etc. A pobreza relativa é definida tendo em conta o estatuto económico face aos restantes membros da sociedade, ou seja, são pobres os indivíduos que estão abaixo dos padrões de vida verificados num determinado contexto social. Este tipo de pobreza está relacionado com a desigualdade de rendimentos nas sociedades (Wu et al., 2024). Finalmente, a pobreza que resulta da exclusão social acontece quando há falta ou negação de recursos, direitos, bens e serviços e quando, numa sociedade, não se consegue participar nas atividades normais disponíveis para a maioria dos cidadãos, quer seja a nível económico, social, político ou cultural (Levitas et al., 2007).

A maior parte dos estudos analisam a pobreza com base nos níveis de rendimento. No entanto, este conceito não está, apenas, relacionado com os padrões de rendimento dos indivíduos, mas sim presente em várias dimensões, é multidimensional. O conceito multidimensional de pobreza transcende as medidas tradicionais de pobreza monetária, como por exemplo a taxa de pobreza ("Poverty Headcount Ratio"), considerando outras dimensões como a privação à saúde, educação e a padrões de vida (Zhang et al., 2021). A taxa de pobreza representa a proporção da população que é pobre. Este rácio é fácil de se medir, no entanto, não consegue avaliar a intensidade da pobreza, isto é, não indica quão pobres são os pobres (Li et al., 2022).

Tal como Wu et al. (2024) referem, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, tradicionalmente, as diferenças dos níveis de rendimento e de consumo são fortemente utilizadas como medidas de pobreza, contudo, também podem ser utilizados indicadores de cariz social, como, a nutrição, literacia, a mortalidade infantil e a esperança de vida.

A pobreza é influenciada por vários determinantes, tais como: os níveis de educação, o desenvolvimento tecnológico, a aposta em investigação e desenvolvimento (I&D), as políticas adotadas, a ajuda externa, entre outros.

De facto, a pobreza é bastante afetada por fatores sociais, em particular, pela educação. Investimentos em educação permitem, por exemplo, o aumento do acesso a postos de trabalho contribuindo para a diminuição dos níveis de pobreza (Wu et al., 2024).

O desenvolvimento tecnológico também tem efeitos na pobreza. Como referem Mao et al. (2020), a diferença dos níveis tecnológicos dos países pode conduzir a um aumento da pobreza, em que o verdadeiro desafio é expandir a tecnologia para países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, o que só é possível com o apoio dos países desenvolvidos. A tecnologia é benéfica para as sociedades dado que permite melhorar a comunicação e a produtividade (Mao et al., 2020) e ainda contribui para o aparecimento de novas oportunidades de emprego (Song et al., 2021), reduzindo os níveis de pobreza.

Na verdade, o crescimento da I&D e a aposta na educação têm efeitos bastante significativos na redução do risco da pobreza (Gardiner & Hajek, 2024). Tal acontece dado que estas ferramentas potenciam a criação de emprego, aumentam a produtividade e o desempenho corporativo e dão aos trabalhadores as competências necessárias ao seu trabalho (Nakamura et al., 2019).

De acordo com Mahembe & Odhiambo (2021) a redução da pobreza também é possível através da combinação de uma boa política e ajuda externa, isto porque a ajuda externa facilita o acesso a ambientes políticos e institucionais mais favoráveis ao crescimento da economia e à redução dos níveis de pobreza.

Para além disso, outro fator que pode contribuir para a redução de pobreza é a implementação de políticas e programas que promovem o acesso a serviços energéticos (Belaïd & Flambard, 2023). Este caso concreto, respeita à pobreza energética, que é caracterizada pela incapacidade de uma família satisfazer as suas necessidades energéticas essenciais, devido a fatores como as elevadas contas de energia e o baixo nível de rendimento (Belaïd, 2018).

2.2. Globalização: dimensões e efeitos

A globalização é um conceito multidimensional que incorpora dimensões económicas, sociais e políticas e leva a um aumento da interdependência das economias através do comércio internacional, investimento, comunicação e trocas culturais (Villanthenkodath & Pal, 2024).

Conforme indicam Ketu & Nguea (2024), o índice de globalização KOF, mede as três dimensões de globalização: económica, social e política. De acordo com Le & Le (2023), a globalização económica impacta a economia dos países, por via do comércio, investimento e fluxos de capitais. A dimensão social ocorre através de canais interpessoais (por exemplo, turismo e imigração), de canais informacionais (tais como, pedidos de patentes, educação internacional, exportações de tecnologias e liberdade de imprensa) e de canais culturais (como o comércio de bens culturais e liberdade civil) (Le & Le, 2023). Por fim, Le & Le (2023) caracterizam a dimensão política da globalização como a disseminação de políticas governamentais.

Para além disso, o índice KOF é composto por medidas "de facto" (medem os fluxos e atividades internacionais reais), e medidas "de jure" (medem as políticas, instituições ou recursos que promovem os fluxos e atividades reais) para todas as dimensões de globalização, o que permite ter uma noção mais abrangente deste conceito (Le & Le, 2023). Este índice

varia entre 0 (que representa um valor muito baixo de globalização) e 100 (que representa o valor máximo de globalização) (Busse et al., 2024).

Tabash et al. (2024) afirmam que a globalização criou resultados positivos no processo de desenvolvimento económico, mas, para isso, foi necessário aumentar as desigualdades entre os países. O aparecimento destas desigualdades ocorre porque a globalização potencia a concentração de poder económico a nível internacional ou, mesmo, dentro dos países (Li et al., 2022).

Os efeitos da globalização têm sido observados em diferentes países, principalmente os da globalização económica. A globalização apresenta, simultaneamente, oportunidades e riscos para os países, sobretudo, em desenvolvimento (Prasad & Vatsal, 2013), sendo que estes riscos podem aumentar os custos nas nações mais pobres (Inekwe et al., 2020).

De facto, nas últimas décadas, verificou-se um aumento da integração das economias em desenvolvimento na economia mundial (Durongkaveroj, 2024). Contudo, os países em desenvolvimento e as economias emergentes são bastante dependentes das economias desenvolvidas (Matkovskyy, 2020). Conforme mencionado por L'Huillier (2016), a elevada dívida nacional dos países em desenvolvimento, permite que organizações internacionais de ajuda financeira, tal como o Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), sejam capazes de controlar a definição de algumas políticas económicas nesses países, em troca de assistência financeira, promovendo o domínio do ocidente na economia mundial.

Contudo, a globalização, também, apresentou resultados positivos para os países em desenvolvimento. Garg & Sushil (2022) defendem que a globalização criou vencedores (países em desenvolvimento) e perdedores (países desenvolvidos), dado que a crescente desigualdade dos salários, o aumento das diferenças culturais e da taxa de desemprego aumentaram os custos para os vencidos como, por exemplo, para os Estados Unidos. Desta forma, estes países, como os EUA procuram, também, adotar estratégias de desglobalização de modo a recuperarem a qualidade de vida, a produção local, as oportunidades de emprego, entre outros (Garg & Sushil, 2022).

De acordo com Busse et al. (2024), a globalização contribuiu para o aumento da produtividade nas economias em desenvolvimento, através do acesso a tecnologias avançadas de outros países em desenvolvimento e desenvolvidos. Do mesmo modo, Garg & Sushil (2022) concluíram que os mercados emergentes colheram benefícios da globalização

dado que esta foi responsável por uma restruturação política que melhorou o produto interno bruto (PIB), o investimento estrangeiro, o comércio e a taxa de criação de emprego.

Para além da globalização causar diferentes efeitos entre os países, esta também tem implicações dentro das nações. Segundo Huang et al. (2022), a forma como a globalização afeta a desigualdade de rendimentos dentro dos países é ambígua e as pesquisas empíricas existentes não conseguiram alcançar o consenso relativamente a esta questão. Porém, a globalização foi responsável pelo aumento das trocas comerciais, do emprego, do acesso à tecnologia, da informação e dos fluxos de capitais (Inekwe et al., 2020). Ainda assim, alguns autores, como por exemplo Shin (2009), indicam que os processos de globalização conduziram a um forte aumento das desigualdades dentro dos países desde 1980. Também, Halkos & Aslanidis (2023) afirmam que, apesar das desigualdades entre os países estarem a diminuir, as desigualdades dentro dos países estão a aumentar.

2.3. Relação entre Globalização e Pobreza: canais de ligação

O impacto da globalização na pobreza não é consensual, existindo diferentes perspetivas acerca do mesmo. Por um lado, Hassan et al. (2020) defendem que a globalização ao contribuir para um aumento da competitividade, afeta positivamente o crescimento da economia, aumenta o volume de exportações e a criação de emprego, o que promove a redução das taxas de pobreza em alguns países. Também Li & Rui (2024) concordam que, no contexto da globalização, as empresas multinacionais são essenciais para a redução da pobreza mundial, ao promoverem a criação de empregos e, consequentemente, ao contribuírem para o desenvolvimento da economia em regiões mais desfavorecidas. Por outro lado, embora a globalização permita a partilha internacional de riscos e a alocação eficiente de recursos (Asongu, 2014), também aumenta a degradação ambiental, as crises financeiras e as taxas de pobreza (Yameogo et al., 2021).

A globalização origina efeitos, nomeadamente, indiretos sobre pobreza. A figura 1 sintetiza os fatores responsáveis pelo elo de ligação entre a globalização e a pobreza: a desigualdade de rendimentos, o crescimento económico, a inclusão financeira e os efeitos da globalização nas empresas.



Figura 1- Canais de Ligação entre Globalização e Pobreza

Relativamente à ligação entre globalização e desigualdade de rendimentos, existem diferentes perspetivas. Segundo L'Huillier (2016), a globalização impulsiona o crescimento das desigualdades entre e dentro das nações. Berger (2014) afirma que a globalização é responsável por uma redução dos rendimentos dos indivíduos pouco qualificados e por um aumento salarial dos trabalhadores altamente qualificados, aumentando as desigualdades e, consequentemente, os níveis de pobreza. Para além disso, Shastri et al. (2022), também, consideram que a globalização aumenta as desigualdades, conduzindo a um aumento do papel redistributivo por parte do governo, que se verifica, sobretudo, nos países mais ricos, sendo que a falta deste papel nos países em desenvolvimento pode conduzir a um aumento da pobreza. Todavia, Song et al. (2021) e Tabash et al. (2024) defendem que a globalização pode contribuir para o igualitarismo e, consequentemente, para a redução dos níveis de pobreza.

Em relação ao impacto que a globalização tem na inclusão financeira, os estudos revelam uma relação positiva. Villanthenkodath & Pal (2024) concluíram que o aumento da globalização promove um aumento da inclusão financeira. A aposta no desenvolvimento dos sistemas financeiros é essencial para combater os efeitos adversos da globalização e tornar possível um crescimento equitativo (Sethi et al., 2021), o que pode ser um contributo para a redução da pobreza. Boukhatem (2016) indica que o desenvolvimento do setor financeiro conduz a uma diminuição das desigualdades e, consequentemente, a uma redução da pobreza. Também Akpa et al. (2024) afirmam que a falta de acesso da população ao crédito das instituições financeiras fomenta o aumento das desigualdades dos níveis de rendimento entre os ricos e os pobres, expandindo a pobreza. No entanto, Sethi et al. (2021) defendem que o desenvolvimento do setor financeiro tem efeitos negativos sobre a desigualdade de

rendimentos, dado que os benefícios resultantes do desenvolvimento financeiro não conseguem alcançar as camadas populacionais com rendas mais baixas, podendo ser interpretado como um potenciador para o aumento da pobreza.

A maior parte dos estudos revela uma relação positiva entre a ligação globalização-crescimento económico (Inekwe et al., 2020; Pal, 2024). Adicionalmente, as entradas de capital, resultantes da globalização, promovem esse crescimento e permitem às empresas investir em projetos de alto rendimento, o que estimula a inovação tecnológica, a formação de capital humano, o aumento da atividade exportadora e, como resultado, a redução da pobreza (Shastri et al., 2022). Porém, tal como, também, referem Shastri et al. (2022), os diferentes fluxos internacionais de capitais podem facilitar ou dificultar os esforços que procuram aliviar os níveis de pobreza de um país. Efetivamente, um país pode beneficiar substancialmente de entradas de capital, mas as contrações de dívida podem apresentar um maior risco de crise, dificultando a redução da pobreza (Henry, 2007).

Finalmente, a ligação globalização-empresas é, também, ambígua. Como constatado por Durongkaveroj (2024), vários estudos concluíram que as empresas exportadoras pagam salários superiores face às empresas não exportadoras, o que pode ser explicado pelos ganhos de produtividade resultantes do comércio. Neste caso, o aumento dos rendimentos dos trabalhadores, provocado pela globalização, pode ser visto como um contributo para a redução da pobreza. Contudo, a globalização pode gerar pressões sobre as empresas. Li & Rui (2024) afirmam que múltiplas análises refletem uma relação negativa entre o desenvolvimento das empresas e a diminuição dos níveis de pobreza. De facto, as forças de mercado garantem às pessoas ricas o acesso a recursos, enquanto impedem aos pobres o acesso àquilo que outrora tiveram (L'Huillier, 2016). Isto acontece dado que o investimento é direcionado para áreas que gerem um retorno maior, em que os países têm vantagem competitiva, em vez de ser direcionado para setores que atendem às necessidades das sociedades locais (L'Huillier, 2016). A título de exemplo, em 2016, entre os vinte maiores produtores globais de tabaco, havia três países que estão entre os mais pobres do mundo, nomeadamente o Malawi, a Tanzânia e Moçambique (L'Huillier, 2016). De acordo com Hu & Lee (2015), tem-se registado uma subida acentuada da produção de tabaco e no respetivo uso de terra necessário, ou seja, cada vez há menos terra disponível para cultivar outros alimentos, o que revela um efeito negativo da globalização sobre a pobreza.

2.4. Relação entre Globalização e Pobreza: estudos empíricos

Para este trabalho foi realizada uma análise da relação entre globalização e pobreza baseada em nove principais estudos empíricos (ver tabela 1). Estes foram obtidos na Web of Science e na Scopus, através da combinação das palavras-chave "globalização" e "pobreza". A tabela encontra-se organizada por ordem cronológica dos estudos, sintetizando algumas características dos mesmos, nomeadamente: os países ou regiões analisados, o período temporal em análise, os métodos de estimação aplicados, as medidas de pobreza e de globalização adotadas, outras variáveis consideradas e as conclusões obtidas quanto ao impacto da globalização na pobreza. Alguns destes estudos concentraram-se em diferentes países e regiões em desenvolvimento (e.g., Hassan et al. (2020), Khan & Majeed (2018), Khurshid et al. (2025), Li et al. (2022), Olaide & Hassan (2024) e Salahuddin et al. (2020)), enquanto outros se focam, simultaneamente, em regiões desenvolvidas e em desenvolvimento (e.g., Deyshappria (2018), Garg & Sushil (2022) e Pal (2024)), sendo que a maioria se concentra em países e regiões em desenvolvimento. Contudo, nenhum desses estudos analisa o caso particular da América Latina. Refira-se, ainda, que a maioria dos estudos foca grupos de países ao longo de um período temporal, embora alguns se concentrem em países individuais.

Ademais foram considerados diferentes períodos temporais em cada uma das análises. Olaide & Hassan (2024) são os autores, cujo estudo recai sobre o maior número de anos, cerca de 40 anos, de 1981 a 2020. Este estudo incide sobre um único país, a Índia. Em contraste, o estudo de Hassan et al. (2020) é o que abrange o período temporal mais curto, cerca de 12 anos (de 2005 a 2016), sendo que este cobre um conjunto de 73 países em desenvolvimento.

Relativamente ao método de estimação, verifica-se que entre os estudos que utilizaram dados em painel (e.g., Deyshappria (2018), Hassan et al. (2020) e Khan & Majeed (2018)), o mais adotado foi o OLS, aplicado em todos eles com a exceção do estudo de Hassan et al. (2020) que empregou o método FGLS. Quanto às pesquisas, que recorreram a dados de séries temporais (e.g., Khurshid et al. (2025), Olaide & Hassan (2024), Pal (2024) e Salahuddin et al. (2020)), o método econométrico mais utilizado foi o ARDL, tendo sido aplicado em todas elas.

Tabela 1 - Estudos empíricos que analisam a relação entre globalização e pobreza

Autores (ano)	Países	Período	Método de estimação	Variáveis			Impacto da Globalização na Pobreza
				De Pobreza	De Globalização	Outras	
Deyshappria (2018)	119 Países	1990-2016	Modelo OLS	Taxa de pobreza de 1,90 $ por dia	Índice de globalização KOF	População urbana (% da população total); Taxa bruta de matrículas do ensino secundário; Índice de perceção da corrupção; Valor acrescentado da agricultura (% do PIB); Acesso à eletricidade (% da população)	↓Pobreza
Khan & Majeed (2018)	113 Países em desenvolvimento	1980-2014	Modelo OLS; Modelo 2SLS; Modelo de efeitos fixos; Modelo de efeitos aleatórios; Método GMM	Taxa de pobreza de 1,90$ por dia (PPC 2011) (% população)	Índice de globalização KOF e as três dimensões que o constituem individualmente	Crescimento económico (Crescimento do PIB per capita, valores constantes em $); Coeficiente de Gini; Despesas do governo (% do PIB); Taxa bruta de matrículas do ensino secundário (% da população); População urbana (% da população)	↓Pobreza
Hassan et al. (2020)	73 Países em desenvolvimento	2005-2016	Modelo FGLS	Poverty gap de 1,90$ por dia (PPC 2011) (% população)	Abertura ao Comércio (% PIB)	Despesas públicas em educação e saúde (% PIB); Índice de competitividade global; Variáveis de Governação: Voz e Responsabilidade; Estabilidade Política; Eficácia do governo; Qualidade regulatória; Estado de direito; Controlo da Corrupção	↓Pobreza

Tabela 1 – Estudos empíricos que analisam a relação entre globalização e pobreza (continuação)

Autores (ano)	Países	Período	Método de estimação	Variáveis			Impacto da Globalização na Pobreza
				De Pobreza	De Globalização	Outras	
Salahuddin et al. (2020)	África do Sul	1991-2016	Modelo de regressão logística; Abordagem ARDL	Taxa de pobreza de 1,90 $ por dia (PPC 2011) (% da população) Esperança de vida Taxa de mortalidade infantil	Índice de globalização KOF	Controlo da Corrupção; Crescimento económico - PIB per capita (US$ constantes 2010); Desenvolvimento Financeiro; Investimento Direto ao Estrangeiro (IDE); número de utilizadores de internet (% da população); nº de assinatura móveis (% da população); Estado de direito; Taxa bruta de matrículas do ensino secundário	↓Pobreza
Li et al. (2022)	25 Países Asiáticos	1990-2015	Regressão piloto simples	Taxa de pobreza de 1,90 $ por dia (PPC 2011) (%)	Abertura ao comércio = Comércio/PIB (%); Rácio de IDE = IDE/PIB (%)	-	↓Pobreza
Garg & Sushil (2022)	Índia e EUA	2000-2019	Análise de regressão múltipla	PIB (US$ correntes)	IDE (US$ correntes); exportações de bens e serviços (US$ correntes); importações de bens e serviços (US$ correntes)	-	↓Pobreza (Índia) e ↑Pobreza (EUA)

Tabela 1 – Estudos empíricos que analisam a relação entre globalização e pobreza (continuação)

Autores (ano)	Países	Período	Método de estimação	Variáveis			Impacto da Globalização na Pobreza
				De Pobreza	De Globalização	Outras	
Pal (2024)	Europa e Ásia Central (região globalizada superior) e Ásia Meridional (região globalizada inferior)	1991-2020	ARDL não linear, PMG-ARDL e método de erro padrão de Driscoll-Kraay	Taxa de pobreza de 1,90 $ por dia (PPC 2011) (% da população)	Índice de globalização económica KOF Comércio (%PIB) e Índice de abertura financeira. Índice de globalização económica KOF de facto e Índice de globalização económica KOF de jure	Educação primária; Ensino secundário; Ensino superior; Crescimento económico: PIB per capita (US$ correntes); Urbanização: População urbana (% da população total); Gastos do governo: Despesa (% do PIB); Gastos do governo em educação: Despesa do governo em educação (% do PIB).	↓Pobreza na Europa e Ásia Central e ↑Pobreza na Ásia Meridional
Olaide & Hassan (2024)	Índia	1981-2020	Modelo de regressão: Abordagem ARDL	Taxa de pobreza de 2,15 $ por dia (PPC) Esperança de vida Taxa de mortalidade infantil	Índice de globalização KOF	Crescimento económico (PIB); Despesas de capital do governo; Formação bruta de capital fixo	↑Pobreza (medida direta) /↓Pobreza (medidas indiretas)
Khurshid et al. (2025)	Paquistão	1980-2022	ARDL não linear	Taxa de Pobreza	Índice de globalização KOF	Índice de riscos geopolíticos; Número de assinaturas de telefone fixo como *proxy* das Tecnologias de Informação e Comunicação; Taxa de Participação da força de trabalho (% da população total); PIB per capita ($ correntes); Inflows de IDE (% do PIB)	↑Pobreza

Legenda: ARDL – "Autoregressive Distributed Lag"; FGLS – "Feasible Generalized Least Square"; GMM – "Generalized Method of Moment"; OLS – "Ordinary Least Squares"; PMG – "Pooled Mean Group"; 2SLS – "Two Stages Least Squares"

Para a medida de pobreza, cinco estudos (Deyshappria (2018), Khan & Majeed (2018); Khurshid et al. (2025); Li et al. (2022) e Pal (2024)) utilizaram a taxa de pobreza, sendo que Deyshappria (2018), Khan & Majeed (2018), Li et al. (2022) e Pal (2024) aplicaram a linha de pobreza de 1,90$ por dia e Khurshid et al. (2025) não especificaram qual o valor da linha de pobreza que foi utilizado. Hassan et al. (2020), por sua vez, aplicaram o *poverty gap* de 1,90$ por dia[1] e Garg & Sushil (2022) utilizaram o PIB em dólares correntes. Em relação aos estudos de Olaide & Hassan (2024) e Salahuddin et al. (2020), foram consideradas três *proxies* alternativas de pobreza, uma medida direta e duas indiretas. Ambos consideraram a taxa de pobreza como medida direta de pobreza, no entanto, Olaide & Hassan (2024) utilizaram a linha de pobreza de 2,15$ por dia e Salahuddin et al. (2020) a de 1,90$ por dia. Como medidas indiretas, ambos os estudos aplicaram indicadores relativos à esperança de vida e à taxa de mortalidade infantil.

No que concerne à medida de globalização, os estudos recorreram a diferentes variáveis, sendo a mais utilizada o índice de globalização KOF. Este indicador foi aplicado nos estudos de Deyshappria (2018), Khan & Majeed (2018), Khurshid et al. (2025), Olaide & Hassan (2024), Pal (2024) e Salahuddin et al. (2020). Para além de ter utilizado o índice de globalização KOF, Pal (2024), também recorreu ao comércio e ao índice de abertura financeira como *proxies* de globalização. Hassan et al. (2020) utilizaram a abertura ao comércio. Li et al. (2022) utilizaram a abertura ao comércio e o Investimento Direto ao Estrangeiro (IDE) como variáveis *proxy* da globalização. Por fim, Garg & Sushil (2022) concentraram-se no IDE, nas exportações e importações de bens e serviços.

Relativamente à relação entre a globalização e a pobreza, os resultados dos estudos não são consensuais. Por um lado, Deyshappria (2018), Hassan et al. (2020), Khan & Majeed (2018), Li et al. (2022), Olaide & Hassan (2024) e Salahuddin et al. (2020) afirmam que os efeitos que a globalização teve na pobreza foram, pelo menos, em parte positivos, ou seja, que a globalização ajudou a reduzir os níveis de pobreza. Deyshappria (2018), com base numa amostra de 119 países no período 1990 a 2016, defende que uma maior integração entre os países facilita os fluxos de comércio e de investimento, enquanto facilita as transferências tecnológicas e a mobilidade da mão-de-obra entre os países, o que potencia um aumento do crescimento económico e, consequentemente, a redução dos níveis de pobreza. Por sua vez,

[1] O Poverty Gap consiste na diferença média entre a renda ou o consumo das pessoas e a linha de pobreza de, neste caso, 1,90$ por dia, considerando que aqueles que não são pobres têm um défice de zero.

Hassan et al. (2020) concluíram que a globalização contribui para a redução da pobreza ao alavancar a criação de emprego e a redução dos custos de transportes e comunicações. Estes autores concentram-se em 73 países em desenvolvimento e no período de 2005 a 2016. Também Khan & Majeed (2018), ao estudarem 113 países em desenvolvimento entre 1980 e 2014, verificaram que a globalização tem efeitos positivos sobre a pobreza, porém, estes não são consistentes em todas as dimensões da globalização, sendo que a globalização económica e social ajudam a diminuir significativamente a pobreza, enquanto a dimensão política não provoca esse efeito. Li et al. (2022), cujo estudo incidiu sobre 25 países asiáticos e no período de 1990 a 2015, destacaram que o crescimento económico, resultante da globalização, foi um canal importante para a diminuição da pobreza nestes países. Salahuddin et al. (2020) afirmam que a África do Sul está a colher benefícios resultantes da globalização, destacando-se entre eles a expansão do emprego formal, que se apresenta como o principal fator que contribui para a redução da pobreza. Finalmente, Olaide & Hassan (2024) concluíram que a globalização apoia na redução dos níveis de pobreza, quando são consideradas medidas indiretas. À medida que a globalização aumenta, observa-se uma diminuição da taxa de mortalidade infantil e um aumento da esperança média de vida. Ademais, estes autores defendem que se a Índia implementar estratégias de globalização eficazes vai conseguir reduzir as taxas de pobreza ao elevar os níveis de vida através da criação de empregos.

Contudo, Olaide & Hassan (2024) também concluíram que a globalização aumenta a pobreza quando esta é medida diretamente pela taxa de 2,15 dólares por dia, o que sugere um resultado inconclusivo para a relação entre globalização e pobreza. Além disso, Khurshid et al. (2025), cuja análise foca-se no Paquistão e no período de 1980 a 2022, defendem que a globalização gera vencedores e vencidos entre os pobres, com alguns indivíduos a enfrentarem situações de pobreza agravada em resultado do comércio e da crescente integração financeira.

Por fim, Garg & Sushil (2022) afirmam que a globalização teve efeitos positivos sobre os países e regiões em desenvolvimento e efeitos negativos nos países e regiões desenvolvidas. Garg & Sushil (2022) revelaram que, entre 2000 e 2019, a globalização desempenhou um papel favorável nos países em desenvolvimento, nomeadamente na Índia, ao impulsionar o aumento da taxa de emprego, o crescimento do PIB e a diminuição da pobreza, todavia, no caso dos países desenvolvidos, representados pelos EUA, a globalização teve efeitos

prejudiciais na criação de emprego, no PIB e na pobreza, conduzindo a um processo de desglobalização. No estudo de Pal (2024) os resultados foram opostos, revelando que, entre 1991 e 2020, quando a globalização económica é utilizada como *proxy* da globalização, esta reduz a pobreza nas regiões desenvolvidas (Europa e Ásia Central) e aumenta-a nas regiões em desenvolvimento (Ásia Meridional).

3. Metodologia

Este capítulo está estruturado em três secções. A primeira (3.1) especifica o modelo econométrico que vai ser usado e a respetiva descrição das variáveis; a segunda (3.2) concentra-se na análise das estatísticas descritivas e da evolução temporal das variáveis; finalmente, a secção 3.3 analisa a correlação entre as variáveis do modelo.

3.1. Modelo Econométrico e descrição das variáveis

A presente investigação procura avaliar se a globalização impacta os níveis de pobreza, tendo por base uma amostra de 15 países da América Latina (ver tabela A1 em anexo), durante o período temporal de 2000-2019.[2] Para a realização deste estudo vai ser utilizado um modelo de dados em painel. Assim, com base na revisão de literatura realizada, a equação econométrica a estimar é a seguinte:

$$Pobreza_{it} = \beta_0 + \beta_1 Globalização_{it} + \beta_2 Governação_{it} + \beta_3 Pop.Urbana_{it} + \beta_4 Educação_{it} + \beta_5 Desp.Saúde_{it} + \beta_6 Eletricidade + u_{it}$$

Onde: $Pobreza_{it}$ corresponde à variável dependente, mais concretamente à taxa de pobreza; $Globalização_{it}$ respeita à principal variável explicativa, o índice de globalização KOF; $Governação_{it}$, Pop. $Urbana_{it}$, $Educação_{it}$, Desp. $Saúde_{it}$ e $Eletricidade_{it}$ correspondem às variáveis de controlo e u_{it} é o termo aleatório. Os índices *i* e *t* referem-se ao país e ano, respetivamente.

À semelhança da maioria dos estudos que se concentram na relação direta entre globalização e pobreza (ver tabela 1), para medir a pobreza vai ser usada a taxa de pobreza. Tal como referido por Halkos & Aslanidis (2023), a taxa de pobreza corresponde à percentagem de pessoas abaixo da linha de pobreza dividida pela população total, sendo a sua simplicidade benéfica para quem a está a analisar. As linhas de pobreza são definidas com base nos padrões de vida reais verificados em cada país, sendo atualizadas à medida que estes se desenvolvem (Banco Mundial, 2024a). Atualmente, existem três linhas de pobreza

[2] Para tal, serão utilizados um conjunto de dados extraídos do World Bank Group e do KOF Swiss Economic Institute relativos à variável dependente e às variáveis explicativas.

internacionais, 2,15 dólares por dia aplicada aos países de baixo rendimento, 3,65 dólares por dia para os países de rendimento médio-baixo e de 6,85 dólares por dia para os países de rendimento médio-alto (Banco Mundial, 2024a). No presente trabalho, vamos considerar o rácio que mede a percentagem de pessoas abaixo da linha de pobreza de $2,15 por dia (2017 PPP).

No que respeita à principal variável explicativa, a globalização (Globalização$_{it}$), vai ser representada pelo índice de globalização KOF à semelhança dos estudos de Deyshappria (2018), Khurshid et al. (2025) e Pal (2024). Como mencionado na revisão de literatura, este indicador considera três dimensões de globalização: económica (KOFEcGI), social (KOFSoGI) e política (KOFPoGI) e a sua pontuação varia entre 0 e 100, sendo que um valor mais elevado representa um maior grau de globalização do país (Le & Le, 2023).

De acordo com Le & Le (2023), entre os vários indicadores que são utilizados para medir os efeitos da globalização, o índice de globalização KOF é considerado o melhor, visto que é bastante completo, incorporando 42 variáveis que avaliam o nível de integração internacional de um país. Este indicador apresenta duas principais vantagens. A primeira, resulta do facto de incluir várias medidas e variáveis para regulamentos comerciais e níveis de proteção, como tarifas, barreiras não tarifárias, custos de conformidade de exportação, outros impostos comerciais e acordos multilaterais e bilaterais de comércio livre. A segunda vantagem deriva do facto deste indicador estar disponível para múltiplos países em desenvolvimento, o que permite aceder a uma grande quantidade de informação (Busse et al., 2024). Neste caso, os estudos empíricos apresentaram conclusões ambíguas quanto ao efeito desta variável na pobreza, pelo que não é possível antecipar se o impacto na pobreza é positivo ou negativo.

Relativamente às variáveis de controlo, serão consideradas as seguintes variáveis: a governação (Governação$_{it}$), a população urbana (Pop. Urbana$_{it}$), a educação (Educação$_{it}$), as despesas públicas em saúde (Desp. Saúde$_{it}$) e o acesso à eletricidade (Eletricidade$_{it}$).

No que diz respeito à governação (Governação$_{it}$), de acordo com Hassan et al. (2020) existem seis indicadores que permitem avaliar a sua qualidade: o controlo da corrupção, a eficácia do governo, a estabilidade política, o estado de direito, a qualidade regulatória e a voz e responsabilidade. No entanto, neste estudo irão ser introduzidas, apenas, três variáveis *proxies* alternativas da governação, em particular a eficácia do governo (EG$_{it}$), a qualidade

regulatória (QR_{it}) e a voz e responsabilidade (VR_{it}), o que implica a estimação de três modelos.

Segundo Kaufmann et al. (2011), a eficácia do governo capta as perceções sobre a qualidade dos serviços públicos, a qualidade da função pública e o grau de independência a pressões políticas, enquanto a qualidade regulatória incide na capacidade do governo desenvolver e adotar políticas e regulamentos que potenciem o desenvolvimento do setor privado. Por sua vez, de acordo com os mesmos autores, a voz e responsabilidade avalia a participação dos cidadãos de um país na escolha do governo, a liberdade de expressão e a comunicação social livre. A escolha destas três variáveis deveu-se ao facto de Hassan et al. (2020) terem concluído que entre as seis variáveis de governação, estas são as mais adequadas para aliviar a pobreza, sendo que a contribuição da estabilidade política é insignificante na redução dos níveis de pobreza e o estado de direito e o controlo da corrupção apresentam, apenas, um efeito meramente moderado. Ademais, a investigação de Hassan et al. (2020) concluiu que os efeitos decorrentes de uma boa qualidade de governação na pobreza são positivos, pelo que se espera uma relação negativa entre as variáveis.

A variável população urbana (Pop. $Urbana_{it}$) é relativa às pessoas que vivem em zonas urbanas (em % da população total), tendo sido utilizada por Deyshappria (2018), Khan & Majeed (2018) e Pal (2024) . A investigação de Pal (2024) revela que os moradores rurais pouco qualificados, geralmente, apresentam dificuldades em competir com a população urbana, em consequência da falta de oportunidades económicas disponíveis, agravando os desafios relacionados com a pobreza. Deyshappria (2018) e Khan & Majeed (2018) afirmam que as áreas urbanas oferecem mais oportunidades quando comparadas com as áreas rurais, dado que a maior parte das atividades económicas se concentram nos centros urbanos. A urbanização é considerada parte central no alívio da pobreza. Desta forma espera-se que esta variável tenha uma relação negativa com a pobreza.

Como variável de educação ($Educação_{it}$) vai ser considerada a taxa bruta de matrículas do ensino secundário (Ens. Sec_{it}). De acordo com o Banco Mundial, a taxa bruta de matrículas consiste no rácio entre o número total de matrículas, independentemente da idade, e a população da faixa etária que corresponde oficialmente ao nível de educação em análise. Tal como Pal (2024) afirma, a educação melhora as habilidades e o conhecimento dos indivíduos, o que promove a inovação, a produtividade, a criatividade, o

empreendedorismo e o avanço tecnológico. Assim, a educação deve ser usada, pelos governos, como uma arma para reduzir a vulnerabilidade à pobreza, pelo que se deve melhorar a sua qualidade (Pal, 2024). Ademais, Deyshappria (2018) e Khan & Majeed (2018) referem que a educação proporciona às pessoas acesso a bons empregos e permite que estas identifiquem oportunidades de investimento, podendo reduzir o seu nível de pobreza. Neste sentido, espera-se que a educação apresente um impacto favorável na redução da pobreza.

Relativamente à variável despesas públicas em saúde (Desp. Saúde_{it}), esta corresponde à percentagem do PIB destinada ao consumo de bens e serviços de saúde durante cada ano, não considerando as despesas de capital em saúde, nomeadamente, edifícios, máquinas, tecnologias de informação (TI) e stocks de vacinas no caso de ocorrência de emergências e surtos. O estudo de Hassan et al. (2020) verificou que as despesas de desenvolvimento, que incluem as despesas públicas em saúde e as despesas públicas em educação, registaram um papel significativo no alívio dos níveis de pobreza. Desta forma, prevê-se que esta variável desempenhe um efeito positivo na redução de pobreza.

Finalmente, o indicador eletricidade (Eletricidade_{it}), obtido no Banco Mundial, corresponde à percentagem da população que tem acesso à eletricidade. De acordo com Deyshappria (2018), o acesso à eletricidade pode ser visto como um indicador de desenvolvimento das infraestruturas. A melhoria das infraestruturas é essencial para a redução da pobreza, pelo que se espera que esta variável tenha uma relação negativa com a pobreza.

A tabela 2 resume quais as variáveis independentes que vão ser introduzidas no modelo, o impacto esperado sobre a pobreza e a respetiva fonte de dados.

Tabela 2 - Variáveis independentes do modelo

Variáveis	Proxy	Relação com a Taxa de Pobreza	Fontes de dados
Globalização	Índice de Globalização KOF	+/-	KOF Swiss Economic Institute
Governação	Eficácia do governo (EG)	-	Banco Mundial
	Qualidade regulatória (QR)		
	Voz e responsabilidade (VR)		
População urbana	População urbana (% da população total)	-	
Educação	Taxa bruta de matrículas do ensino escolar secundário (Ens. $Sec._{it}$)	-	
Despesas públicas em saúde	Despesas públicas em saúde (% do PIB)	-	
Eletricidade	Acesso à eletricidade (% da população)	-	

3.2. Estatísticas descritivas e evolução temporal das variáveis

Como referido anteriormente, a amostra é composta por 15 países da América Latina e concentra-se no período de 2000 a 2019. A análise tem início em 2000 dado que, a partir desse período, houve um aumento significativo dos níveis da globalização, como evidenciado na figura A1 em anexo, e pelo facto de existirem limitações nos dados da taxa de pobreza para alguns dos países da amostra para anos anteriores a 2000, designadamente de 1990 a 1999. Além disso, o último ano da análise é 2019 de forma a evitar possíveis distorções nos resultados associados à pandemia COVID-19. De facto, a pandemia pode ser encarada como uma crise económica que abalou a economia global, provocando uma forte queda no comércio mundial, no investimento e noutras atividades económicas (Badmus et al., 2022), apresentando, assim, efeitos, na pobreza. Tal como referido por Pal (2024), a pandemia foi responsável por um aumento significativo, de cerca de 9,2%, da taxa global de pobreza em 2020.

A tabela 3 apresenta as estatísticas descritivas das variáveis que estão incluídas no modelo, contendo o número de observações, a média, o máximo, o mínimo e o desvio padrão.

Tabela 3 - Estatísticas descritivas

Variável	Proxy	Obs.	Média	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão
Pobreza	Taxa de pobreza de 2.15$ por dia (2017 PPC) (% da população)	268	6.568	28.200	0.100	5.736
Globalização	Índice de globalização KOF	300	62.516	75.590	48.473	5.523
Governação	Eficácia do Governo (EG)	285	-0.152	1.187	-1.114	0.509
	Qualidade Regulatória (QR)	285	0.036	1.536	-1.259	0.611
	Voz e Responsabilidade (VR)	285	0.274	1.293	-0.572	0.475
Pop. Urbana	População urbana (% da população total)	300	73.310	95.426	45.458	12.179
Educação	Taxa bruta de matrículas do ensino escolar secundário (Ens. Sec_{it})	264	86.315	137.016	49.176	16.426
Desp. Saúde	Despesas públicas em saúde (% do PIB)	300	6.861	10.291	3.334	1.558
Eletricidade	Acesso à eletricidade (% da população)	300	93.585	100	63.1	8.061

Como mostra a tabela 3, estamos perante dados em painel não balanceados, em virtude de, para algumas variáveis não existirem dados para alguns anos para todos os países, nomeadamente, a variável pobreza, que apresenta falhas para o Chile e para o México para alguns dos anos, e a variável educação, que apresenta lacunas significativas para alguns países como o Brasil e Honduras.

Relativamente à variável dependente, a taxa de pobreza, verifica-se um elevado desfasamento entre o valor máximo de 28.200%, relativo ao Equador no ano de 2000, e o valor mínimo de 0.100% referente ao Uruguai nos períodos de 2011 e de 2015 a 2019. Ademais, entre 2000 e 2019, a média da taxa de pobreza neste grupo de países é de 6.568%, inferior à média mundial de 17.125%, e o desvio-padrão é 5.736%.

A variável globalização, medida pelo índice KOF, apresenta, também, uma amplitude significativa, sendo o máximo 75.590, verificado no Chile em 2014, e o mínimo 48.473, registado na Colômbia em 2002. Isto indica que embora os valores do índice KOF possam variar entre 0 e 100, os dados da amostra situam-se entre 48.473 e 75.590, sem atingir os valores extremos da escala. Para além disso, a distância entre a média (62.516) e os valores extremos da amostra, o máximo e o mínimo, é relativamente equilibrada, o que pode sugerir uma distribuição aproximadamente simétrica. Neste caso, o desvio-padrão é de 5.523 evidenciando uma reduzida dispersão em torno da média.

Quanto às variáveis de governação, estas variam entre -2.5 e 2.5, onde valores mais elevados significam que há uma melhor qualidade da governação, enquanto valores mais baixos refletem uma governação menos eficaz. A média é -0.152, 0.036 e 0.274, para a eficácia do governo, qualidade regulatória e voz e responsabilidade, respetivamente. No caso da eficácia do governo o máximo é 1.187 (Chile, em 2007) e o mínimo é -1.114 (Paraguai, em 2002). A qualidade regulatória apresenta o valor máximo de 1.536 (Chile, em 2012) e mínimo de -1.259 (Equador, em 2009). Por último, a voz e responsabilidade tem um máximo de 1.293 (Chile, em 2005) e um mínimo de -0.572 (Honduras, em 2019). Dessa forma, pode-se concluir que, como o intervalo entre o máximo e o mínimo, para as três *proxies* de governação, é mais estreito do que o intervalo de -2.5 e 2.5, os países da amostra não alcançam valores extremos de um nível de governação muito fraco ou excelente.

A variável de cariz demográfico, população urbana, apresenta uma larga amplitude, com um valor máximo elevado de 95.426%, referente ao Uruguai no ano de 2019, e um valor mínimo de 45.458%, relativo às Honduras em 2000. A média da população urbana é relativamente elevada (73.310%) e o desvio-padrão é significativo (12.179%).

No que respeita à educação, a média da taxa bruta de matrículas do ensino secundário é de 86.315%. Os valores máximo e mínimo deste indicador foram de 137.016% (Costa Rica, em 2019) e 49.176% (Honduras, em 2014), respetivamente, o que revela uma amplitude significativa. O desvio-padrão é considerável (16.426%), refletindo diferenças educacionais entre os países em análise.

No caso das despesas públicas em saúde, o máximo é 10.291% (Argentina, em 2018) e o mínimo é 3.334% (Equador, em 2000). A média desta variável é 6.861% e o desvio-padrão é 1.558%, revelando uma dispersão reduzida em torno da média.

Por último, a média do acesso à eletricidade é elevada, cerca de 93.585%. O valor máximo desta variável (100%) verifica-se em vários países ao longo de vários anos, nomeadamente, na Argentina em 2014 e de 2016 a 2019, no Chile em 2012, 2014, 2016, 2018 e 2019, no México em 2017 e na República Dominicana, também em 2017. O mínimo (63.1%) é relativo às Honduras no ano de 2002. O desvio-padrão deste indicador é 8.061% revelando uma variação moderada em torno da média.

Por forma a completar a análise vão ser analisadas as evoluções temporais da variável dependente e da variável explicativa principal, a taxa de pobreza e o índice de globalização KOF, respetivamente.

A figura 2 descreve a evolução da média da variável dependente, a taxa de pobreza, entre 2000 e 2019, dos 15 países da América Latina incluídos na amostra. É possível verificar que houve uma diminuição acentuada deste indicador neste bloco de países durante o referido período (passou de 12.417% em 2000 para 2.954% em 2019). Porém, esta redução da taxa de pobreza na América Latina não foi contínua, tendo-se verificado um aumento pouco significativo dos seus valores de 2011 para 2012 e de 2015 para 2016, inferior a um ponto percentual em ambos os anos.

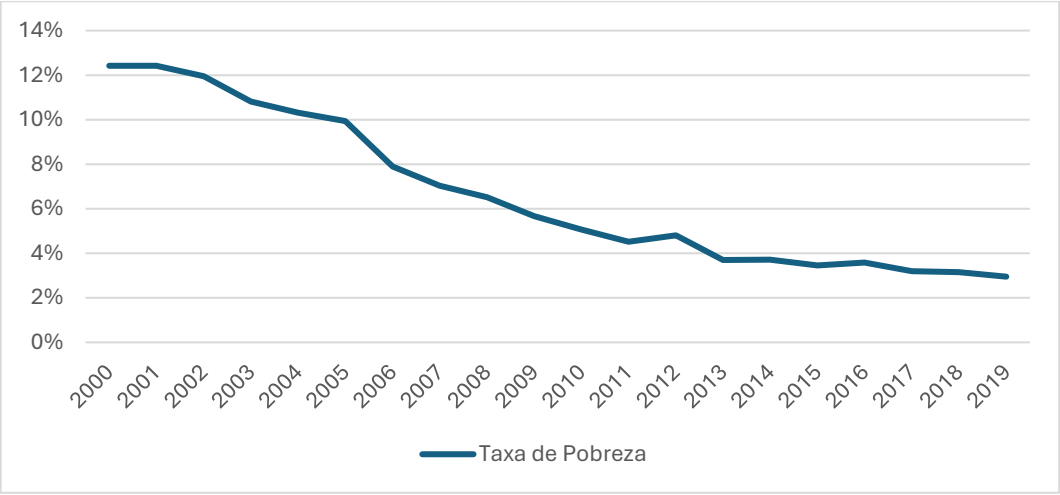


Figura 2 - Evolução da média da Taxa de Pobreza de 2.15$ por dia (2017 PPP) (% da população) na América Latina, 2000-2019

A tendência decrescente deste indicador durante o período temporal em foco observou-se na generalidade dos 15 países em análise (ver figura A2 em anexo). No entanto, esta evolução não ocorreu do mesmo modo em todos eles, sendo mais forte em alguns países

em comparação com outros. Também, os valores deste indicador apresentam diferenças significativas nas distintas nações. A título de exemplo, o Chile, a Costa Rica e o Uruguai foram os países que revelaram, continuamente, menores taxas de pobreza ao longo do tempo, em contraste com as Honduras cuja taxa de pobreza, apesar de ter diminuído ao longo dos anos, evidenciou, consistentemente, valores relativamente elevados.

Relativamente ao valor médio do índice de globalização KOF, tal como se pode observar na figura 3, apresentou, para os países da América Latina em análise, uma tendência crescente no período de 2000 a 2019. Contudo, este crescimento não foi contínuo, apresentando algumas oscilações. Por exemplo, entre 2001 e 2002 este indicador apresentou uma redução pouco significativa inferior a um ponto e entre 2007 e 2008 este diminuiu de 63.129 para 62.941, respetivamente.

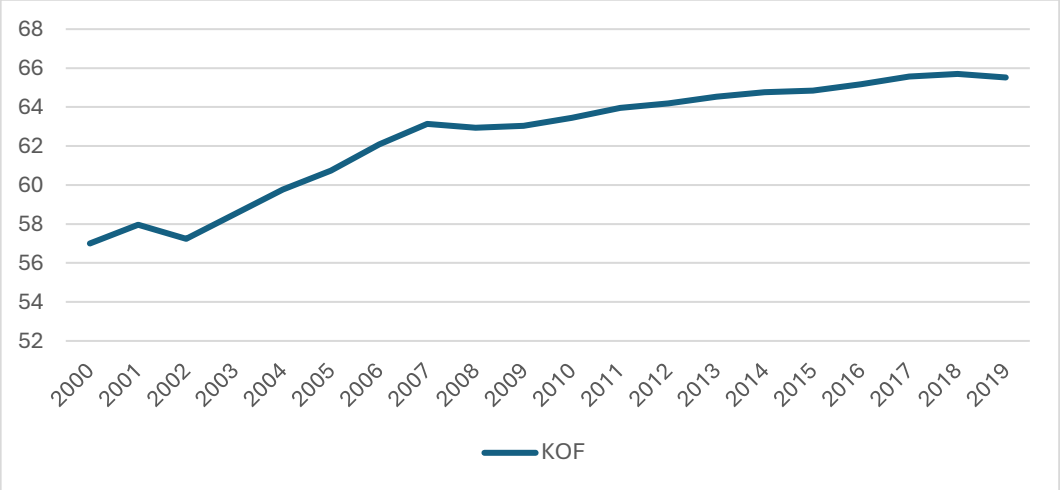


Figura 3 - Evolução da média do Índice de Globalização KOF na América Latina, 2000-2019

Para todos os países que constituem a amostra, o índice de globalização KOF apresentou uma evolução crescente entre 2000 e 2019, porém não de forma contínua em nenhum deles (ver figura A3 em anexo). À semelhança do que aconteceu com a taxa de pobreza, a evolução deste indicador ocorreu de forma distinta entre os países, tendo sido mais forte em alguns deles. Por exemplo, na República Dominicana o índice KOF aumentou de 51 em 2000 para 64 em 2019, enquanto no México passou de 58 para 72, no mesmo período, representando um crescimento de 13 e 14 pontos, respetivamente. Em contrapartida, a evolução foi mais fraca noutros países, sobretudo na Bolívia, onde o índice KOF passou de 55 em 2000 para 57 em 2019, revelando um aumento de apenas 2 pontos no período de 20 anos em análise.

Mais uma vez, os valores deste indicador são relativamente diferentes entre os 15 países. Por exemplo, países como o Chile, o Uruguai, o México, o Panamá e o Perú são os que apresentam um maior nível de globalização entre 2000 e 2019 (a média do índice KOF nestes países entre 2000 e 2019 foi 73, 68, 65, 65 e 65, respetivamente). Contrariamente, a Bolívia, a Colômbia e as Honduras foram as nações cujo índice de globalização apresentou valores mais baixos no período temporal em análise (neste caso, a média do índice KOF nestes países entre 2000 e 2019 foi de 58 pontos).

3.3. Análise das Correlações entre as variáveis

Antes de proceder à estimação do modelo, foram analisadas as correlações entre as variáveis (ver tabela 4). Como se pode observar na tabela, todos os coeficientes de correlação são estatisticamente significativos. Relativamente à correlação entre a taxa de pobreza e o índice de globalização KOF esta é estatisticamente significativa, e apresenta um coeficiente de -0.641, significando que à medida que o KOF aumenta os níveis de pobreza tendem a diminuir. Os coeficientes de correlação entre a variável pobreza e as restantes variáveis independentes são todos negativos evidenciando que há medida que estas variáveis aumentam a taxa de pobreza diminui.

Quanto à correlação entre variáveis independentes, é de notar que as três variáveis *proxies* de governação apresentam correlações bastante elevadas entre si, por exemplo, as variáveis eficácia do governo (EG) e voz e responsabilidade (VR) apresentam uma correlação de 0.841. Todavia, isto não irá causar problemas na estimação, visto que as diferentes *proxies* de governação não serão utilizadas simultaneamente no mesmo modelo.

Como é possível verificar na tabela 4, existem outros coeficientes de correlação elevados, por exemplo, entre a variável relativa à população urbana e a variável de educação (0.751) e entre a globalização e a eficácia do governo (0.714). Deste modo, é importante analisar a multicolinearidade em torno destas variáveis, o que irá ser efetuado no capítulo seguinte. A multicolinearidade pode ocorrer quando as variáveis independentes estão fortemente correlacionadas entre si.

Tabela 4 - Matriz de Correlações

Variável (Proxy)	Pobreza	Globalização	Governação			Pop. Urbana	Educação	Desp. Saúde	Eletricidade
			EG	QR	VR				
Pobreza (p-value)	1.000								
Globalização (p-value)	-0.641 (0.000)	1.000							
Governação (EG) (p-value)	-0.488 (0.000)	0.714 (0.000)	1.000						
Governação (QR) (p-value)	-0.274 (0.000)	0.616 (0.000)	0.817 (0.000)	1.000					
Governação (VR) (p-value)	-0.558 (0.000)	0.675 (0.000)	0.841 (0.000)	0.713 (0.000)	1.000				
Pop. Urbana (p-value)	-0.542 (0.000)	0.631 (0.000)	0.652 (0.000)	0.440 (0.000)	0.634 (0.000)	1.000			
Educação (Ens. Sec) (p-value)	-0.574 (0.000)	0.575 (0.000)	0.490 (0.000)	0.250 (0.000)	0.509 (0.000)	0.751 (0.000)	1.000		
Desp. Saúde (p-value)	-0.311 (0.000)	0.331 (0.000)	0.363 (0.000)	0.148 (0.013)	0.372 (0.000)	0.338 (0.000)	0.289 (0.000)	1.000	
Eletricidade (p-value)	-0.762 (0.000)	0.429 (0.000)	0.381 (0.000)	0.233 (0.000)	0.390 (0.000)	0.577 (0.000)	0.464 (0.000)	0.262 (0.000)	1.000

Nota: As correlações estatisticamente significativas estão sombreadas a cinzento

4. Estimação do modelo e discussão dos resultados

Este capítulo está dividido em duas secções, sendo que na primeira (4.1) é realizada a estimação dos modelos e na segunda (4.2) serão discutidos esses resultados.

4.1. Estimação do modelo: resultados empíricos

Como referido anteriormente, para este estudo vai ser realizada uma análise de dados em painel, com base numa amostra de 15 países e com foco num período temporal de 20 anos, de 2000 a 2019. Os dados em painel permitem observar as mesmas unidades "cross-section" ao longo de diferentes períodos de tempo (Wooldridge, 2010). De acordo com Hassan et al. (2020) a estimação de dados em painel permite reduzir os enviesamentos devido à maior amostragem, tanto de séries temporais, como de dados "cross-section". Para além disso, fornecem resultados mais eficientes ao controlar as variáveis ausentes e não observáveis (Hassan et al., 2020). Efetivamente, uma das principais motivações que conduz à utilização de dados em painel é a possibilidade de resolver o problema das variáveis omitidas (Wooldridge, 2010). Tal como mencionado por Wooldridge (2010), os dados em painel permitem obter estimadores consistentes na presença de variáveis omitidas. Uma vez que vamos testar três *proxies* alternativas da variável governação, serão estimados três modelos.

De modo a analisar a possível presença de multicolinearidade, uma vez que algumas variáveis independentes estão fortemente correlacionadas, foi realizado o teste VIF (*Variance Inflation Factor*) para cada um dos modelos. Tal como mencionado por Ketu & Nguea (2024) quando todos os valores do teste VIF são menores que 10 e os fatores de tolerância (1/VIF) são superiores a 0,1, significa que há ausência de multicolinearidade. Os resultados deste teste (ver tabela A2 em anexo) não indicaram a existência de multicolinearidade em nenhum dos modelos.

Entre os principais modelos de estimação de dados em painel, Hassan et al. (2020) destacam o modelo Pooled OLS (Método dos Mínimos Quadrados), o modelo de efeitos fixos e o modelo de efeitos aleatórios. Estes dois últimos também são apontados como dos mais relevantes por Gujarati (2004). De acordo com Hassan et al. (2020), o modelo Pooled OLS pressupõe que os países são homogéneos. No modelo de efeitos fixos, embora o termo

constante da regressão possa variar entre os indivíduos (neste caso, entre os países da amostra) reconhecendo que cada unidade individual pode possuir características próprias, a constante de cada indivíduo mantém-se inalterada ao longo do tempo (Gujarati, 2004). Por sua vez, o modelo de efeitos aleatórios considera que o termo constante de cada unidade individual é selecionado aleatoriamente (Gujarati, 2004). Para avaliar qual destes dois métodos de estimação, efeitos fixos ou efeitos aleatórios, é mais adequado realizou-se o teste de Hausman. Os resultados do teste encontram-se na tabela A3 em anexo.

Como mencionado por Durongkaveroj (2024), quando o teste de Hausman sugere que o termo de erro está relacionado com as variáveis explicativas é preferível a utilização do estimador de efeitos fixos ao estimador de efeitos aleatórios. A hipótese nula deste teste significa que os efeitos aleatórios são consistentes e eficientes, ou seja, que o modelo de efeitos aleatórios é adequado (Khan & Majeed, 2018). Neste caso, a hipótese H0 foi rejeitada em todos os modelos, visto que o *p-value* foi inferior a 0.05 em todos eles, o que significa que o estimador de efeitos fixos é mais apropriado (ver tabela A3 em anexo).

Posteriormente, foram incluídas, em todos os modelos, dummies anuais. À semelhança do estudo de Durongkaveroj (2024), a inclusão de dummies anuais tem como propósito controlar efeitos fixos de tempo ou choques comuns que podem afetar as variáveis do modelo. A introdução destas variáveis é justificada pelo teste Wald cuja hipótese nula assume que os anos não afetam a variável dependente de forma significativa. Em todos modelos, esta hipótese é rejeitada dado que o *p-value* é inferior a 0.05 em todos eles (ver tabela A4 em anexo). Assim, é relevante incluir dummies anuais para cada um dos modelos.

Na tabela 5, estão presentes os resultados da estimação dos três modelos. O primeiro considera como *proxy* de governação a eficácia do governo (1), o segundo a qualidade regulatória (2) e o terceiro a voz e responsabilidade (3). Todos eles foram estimados considerando três métodos: o Pooled OLS (A), efeitos fixos (B) e efeitos fixos com dummies anuais (C). É importante destacar que nos modelos de efeitos fixos foram estimados os erros-padrão robustos de modo a ultrapassar eventuais problemas de heterocedasticidade. Desta forma, dada a existência de três variáveis alternativas de governação e de três métodos de estimação, foram estimados nove modelos (1A, 2A, 3A, 1B, 2B, 3B, 1C, 2C e 3C).

Tabela 5 - Resultados da Estimação

Variáveis	Modelos					
	Método Pooled OLS (A)			Método efeitos fixos (B)		
	EG (1)	QR (2)	VR (3)	EG (1)	QR (2)	VR (3)
	1A	2A	3A	1B	2B	3B
Globalização	-0.341*** (0.057)	-0.394*** (0.058)	-0.285*** (0.055)	-0.347*** (0.056)	-0.396*** (0.060)	-0.375*** (0.055)
Governação	-0.515 (0.601)	0.467 (0.396)	-1.908*** (0.568)	-2.587** (1.089)	1.322 (1.338)	0.909 (1.441)
Pop. Urbana	0.051* (0.028)	0.040 (0.027)	0.063** (0.027)	0.061 (0.128)	0.078 (0.128)	0.080 (0.130)
Educação	-0.055*** (0.017)	-0.052*** (0.018)	-0.051*** (0.017)	-0.034 (0.041)	-0.042 (0.043)	-0.045 (0.046)
Desp. Saúde	-0.226* (0.131)	-0.236* (0.129)	-0.183 (0.127)	-1.422*** (0.372)	-1.507*** (0.426)	-1.509*** (0.430)
Eletricidade	-0.394*** (0.031)	-0.391*** (0.031)	-0.393*** (0.031)	-0.458*** (0.032)	-0.453*** (0.040)	-0.464*** (0.034)
Dummies anuais	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Obs.	228	228	228	228	228	228
R-squared	0.701	0.702	0.714	0.786	0.781	0.778

Tabela 5 – Resultados da Estimação (continuação)

Variáveis	Modelos		
	Método efeitos fixos com dummies (C)		
	EG (1)	QR (2)	VR (3)
	1C	2C	3C
Globalização	-0.171** (0.072)	-0.201** (0.073)	-0.181** (0.075)
Governação	-3.402** (1.313)	0.480 (1.254)	0.168 (1.618)
Pop. Urbana	0.034 (0.144)	0.060 (0.159)	0.063 (0.162)
Educação	-0.026 (0.038)	-0.039 (0.044)	-0.041 (0.046)
Desp. Saúde	-1.304** (0.434)	-1.321** (0.505)	-1.300** (0.489)
Eletricidade	-0.434*** (0.049)	-0.429*** (0.057)	-0.432*** (0.054)
Dummies anuais	Sim	Sim	Sim
Obs.	228	228	228
R-squared	0.813	0.780	0.799

Legenda: *P<0.1;**P<0.05;***P<0.01
Nota: Estimações obtidas através do Stata; Robust Standart errors entre parênteses nos modelos 1B, 2B, 3B, 1C, 2C e 3C

De um modo geral, a maioria das variáveis revelam significância estatística e apresentam o sinal esperado. De destacar que a variável explicativa principal, a globalização, revelou ser estatisticamente significativa em todos os modelos (1, 2 e 3) independentemente do método de estimação aplicado (A, B e C). Relativamente às variáveis de controlo, tal como a variável globalização, o indicador referente à eletricidade, também, se apresentou como estatisticamente significativo em todos os modelos estimados. Além disso, as despesas em saúde revelaram-se significativas na maioria dos modelos, com a exceção do que utiliza a variável voz e responsabilidade como *proxy* de governação e que considera a abordagem Pooled OLS (3A). As variáveis governação e educação foram significativas somente em três modelos. A variável governação foi estatisticamente significativa quando a *proxy* utilizada foi a voz e responsabilidade e foi implementado o método de regressão Pooled OLS (modelo 3A), bem como quando se utilizou a eficácia do governo como *proxy* de governação e foram aplicados os métodos de estimação de efeitos fixos sem e com dummies anuais (modelos 1B e 1C, respetivamente). A variável educação, por sua vez, demonstrou significância estatística quando o método de regressão utilizado foi o Pooled OLS, independentemente, da variável *proxy* de governação usada (modelos 1A, 2A e 3A). Por fim, a variável população urbana foi a que revelou ser estatisticamente significativa no menor número de modelos estimados. Esta apenas foi estatisticamente significativa nos casos em que a variável de governação considerada foi a eficácia do governo ou a voz e responsabilidade e quando se aplicou a abordagem Pooled OLS (modelos 1A e 3A).

Além do mais, os resultados são bastante consistentes entre os três modelos (1, 2 e 3) para todas as abordagens aplicadas (A, B e C), dado que os indicadores apresentam coeficientes semelhantes em todos os modelos e com o mesmo sinal, com a exceção das variáveis *proxies* de governação.

Como referido anteriormente, a tabela 5 evidencia que algumas das variáveis que foram introduzidas nos modelos são estatisticamente significativas, enquanto outras não. O modelo 1, que utiliza como variável de governação a eficácia do governo (EG), é aquele que, globalmente, apresenta o maior número de variáveis estatisticamente significativas entre os três modelos. No método Pooled OLS (1A), cinco variáveis revelaram ser estatisticamente significativas, enquanto nas abordagens de efeitos fixos (1B) e com dummies anuais (1C), esse número reduz-se para quatro. No modelo 2, quando se aplica a abordagem Pooled OLS (2A), quatro variáveis apresentam-se estatisticamente significativas. Contudo, ao considerar

efeitos fixos sem e com dummies anuais (modelos 2B e 2C, respetivamente), esse número reduz-se para três. Por último, o modelo 3 é composto por cinco variáveis com significância estatística na abordagem Pooled OLS (3A), mas ao considerar efeitos fixos, sem e com dummies anuais (3B e 3C, respetivamente), esse número cai para três. Deste modo, a discussão dos resultados vai recair sobre o modelo que demonstrou ser estatisticamente mais relevante, o modelo 1, em particular no modelo 1C.

Por forma a aprofundar a análise e à semelhança do estudo de Khan & Majeed (2018), para além da variável Globalização, correspondente ao índice de globalização KOF, que incorpora as três dimensões da globalização (económica, social e política), optou-se por considerar medidas alternativas da globalização, correspondentes a cada uma dessas dimensões individualmente (GlobalizaçãoEC (globalização económica), GlobalizaçãoSo (globalização social) e GlobalizaçãoPo (globalização política)), assim como as três dimensões em simultâneo.

A tabela 6 apresenta os resultados do modelo 1 estimado com efeitos fixos e dummies anuais (método C), considerando as diferentes *proxies* de globalização. O modelo 1C considera o índice KOF, enquanto os modelos 1C.Ec, 1C.So e 1C.Po focam-se nas dimensões económica, social e política, respetivamente. Por fim, o modelo 1C.Ec.So.Po contém, simultaneamente, as três dimensões individuais da globalização.

Como evidenciado na tabela 6, a variável independente principal, a globalização, apresenta resultados estatisticamente significativos em três dos cinco modelos. Mais detalhadamente, nos modelos que consideram o índice de globalização KOF e a globalização política como *proxies* da globalização (modelos 1C e 1C.Po, respetivamente), em contraste com os modelos que utilizam as dimensões económica e social da globalização (1C.Ec e 1C.So, respetivamente). Também no modelo que contém as três dimensões de globalização conjuntamente (1C.Ec.So.Po), apenas a globalização política demonstrou ser estatisticamente significativa, enquanto as dimensões económica e social revelaram insignificância estatística. Além disso, as variáveis correspondentes à qualidade da governação, às despesas públicas em saúde e ao acesso à eletricidade revelam-se estatisticamente significativas em todos os modelos. Em contraste, os indicadores referentes à população urbana e à educação não demonstraram significância estatística em nenhum dos modelos.

Relativamente ao sinal do coeficiente das variáveis que demonstraram ser estatisticamente significativas, a globalização (medida pelo índice KOF) e a globalização política apresentaram valores negativos, o que significa que, *ceteris paribus*, o aumento da globalização impacta negativamente a taxa de pobreza, ou seja, a globalização contribui para a redução da pobreza. No que respeita às variáveis de controlo estatisticamente significativas, a governação (medida através da eficácia do governo), as despesas em saúde e acesso à eletricidade evidenciaram coeficientes negativos em todos os modelos, sugerindo que, *ceteris paribus*, um aumento destas variáveis conduz a uma diminuição dos níveis de pobreza, indo ao encontro daquilo que era esperado (ver tabela 2).

Tabela 6 - Resultados da estimação do modelo 1 com efeitos fixos e dummies anuais considerando medidas alternativas da variável globalização

Variáveis	**Modelo 1 (Governação = EG)**				
	1C	**1C.Ec**	**1C.So**	**1C.Po**	**1C.Ec.So.Po**
Globalização (KOF)	-0.171** (0.072)	-	-	-	-
Globalização Económica	-	0.066 (0.086)	-	-	0.096 (0.069)
Globalização Social	-	-	-1.128 (0.133)	-	-0.123 (0.108)
Globalização Política	-	-	-	-0.291** (0.114)	-0.307** (0.117)
Governação	-3.402** (1.313)	-3.570** (1.372)	-3.570** (1.389)	-3.521** (1.320)	-3.839** (1.394)
Pop.Urbana	0.034 (0.144)	0.059 (0.164)	0.064 (0.164)	0.109 (0.129)	0.192 (0.143)
Educação	-0.026 (0.038)	-0.033 (0.037)	-0.032 (0.036)	-0.010 (0.031)	-0.011 (0.029)
Desp. Saúde	-1.304** (0.434)	-0.824* (0.449)	-1.071** (0.481)	-1.274*** (0.332)	-0.968*** (0.256)
Eletricidade	-0.434*** (0.049)	-0.408*** (0.062)	-0.429*** (0.053)	-0.442*** (0.042)	-0.445*** (0.045)
Dummies anuais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Obs.	228	228	228	228	228
R-squared	0.813	0.812	0.811	0.835	0.842

Legenda: *P<0.1;**P<0.05;***P<0.01
Nota: Estimações obtidas através do Stata; Robust Standart errors entre parênteses

4.2. Discussão dos Resultados

Os resultados obtidos para a variável explicativa principal, a globalização, são consistentes entre os modelos que consideram como *proxies* desta variável o índice KOF e a globalização política (modelos 1C e 1C.Po, respetivamente), dado que apontam para uma relação negativa e estatisticamente significativa entre a globalização e a taxa de pobreza, ou seja, a globalização contribuiu para a redução da pobreza nos países da amostra. Por exemplo, os resultados do modelo 1C indicam que, *ceteris paribus*, o aumento de 1 ponto do índice KOF, conduz a uma redução da taxa de pobreza em 0.171 pontos percentuais. Estas conclusões confirmam-se, de igual forma, no modelo composto pelas três dimensões da globalização (1C.Ec.So.Po), no qual os efeitos da dimensão política se apresentam negativos e estatisticamente relevantes. Os resultados do modelo 1C estão em consonância com o que se verificou nos estudos de Deyshappria (2018), Khan & Majeed (2018) e Salahuddin et al. (2020), que utilizaram o índice KOF como *proxy* de globalização. Por sua vez, o resultado obtido para a globalização política contrasta com o de Khan & Majeed (2018), dado que estes autores concluíram que esta dimensão da globalização não tem um impacto significativo na redução da pobreza. Efetivamente, a globalização pode ajudar a erradicar a pobreza quando são adotadas políticas complementares que procuram salvaguardar os interesses dos pobres (Khan & Majeed, 2018). Estas políticas incluem, por exemplo, investimento em capital humano e desenvolvimento financeiro inclusivo (Khan & Majeed, 2018).

No que respeita à dimensão económica da globalização, esta não apresentou significância estatística, quer no modelo que considera esta dimensão como a única *proxy* da globalização (modelo 1C.Ec), quer no modelo que incorpora as três dimensões da globalização separadamente (modelo 1C.Ec.So.Po), ao contrário do que se concluiu nos estudos de Hassan et al. (2020) e Khan & Majeed (2018). O estudo de Khan & Majeed (2018) verificou que a globalização económica reduziu significativamente a pobreza em 113 países em desenvolvimento no período de 1980 a 2014. Também Hassan et al. (2020) concluiu que a abertura ao comércio ao proporcionar o acesso a conhecimento e a recursos ajudou no combate da pobreza em 73 países em desenvolvimento entre 2005 e 2016.

Finalmente, a globalização social também não se revelou estatisticamente significativa, tanto no modelo em que é utilizada isoladamente como *proxy* da globalização (modelo 1C.So), como no modelo em que surge em conjunto com as restantes dimensões (modelo

1C.Ec.So.Po), contrastando com o estudo de Khan & Majeed (2018). Estes autores concluíram que a dimensão social apoiou de forma significativa o alívio dos níveis de pobreza em 113 países em desenvolvimento, entre 1980 e 2014. Segundo Khan & Majeed (2018), a globalização social influencia os mercados ao aumentar os fluxos de informação e os contactos pessoais transfronteiriços, reduzindo os custos de transação e aumentando a eficiência.

Em relação à governação (medida pela eficácia do governo), os resultados foram consistentes para todos os modelos. A variável mostrou-se estatisticamente significativa e com sinal negativo, indicando que, *ceteris paribus*, um aumento da eficácia do governo em 1 ponto está associado a uma diminuição da taxa de pobreza em 3.402 pontos percentuais, quando a globalização é medida pelo índice KOF (modelo 1C). As conclusões estão de acordo com o defendido por Hassan et al. (2020). De acordo com Sacks & Levi (2010), um governo eficaz tem a capacidade de fornecer os bens necessários para melhorar o bem-estar dos indivíduos, facilitando, por exemplo, o acesso confiável a alimentos, o que, consequentemente, contribui para a redução dos níveis de pobreza.

Da mesma forma, a variável despesas públicas em saúde apresenta significância estatística em todos os modelos e um coeficiente negativo revelando que, *ceteris paribus*, um aumento das despesas públicas em saúde em 1 ponto percentual conduz a uma diminuição da taxa de pobreza em 1.304 pontos percentuais (no caso do modelo 1C, quando o índice KOF é utilizado como *proxy* da globalização). Este resultado é condizente com os estudos de Hassan et al. (2020). Os gastos com a saúde podem ser considerados como uma intervenção do governo no esforço para o alívio da pobreza (Hassan et al., 2020). De acordo com a pesquisa dos autores, os países que apresentam maiores despesas de desenvolvimento, que incluem despesas em saúde e educação, tendem a ter uma menor incidência de pobreza, o que está alinhado com os resultados obtidos.

Também, a variável eletricidade revelou-se estatisticamente significativa em todos os modelos. O coeficiente negativo desta variável indica que, *ceteris paribus*, o aumento de 1 ponto percentual no acesso à eletricidade contribui para uma diminuição da taxa de pobreza em 0.434 pontos percentuais (quando a globalização é medida pelo índice KOF, modelo 1C). Esta conclusão está em consonância com a investigação de Deyshappria (2018), na qual a contribuição do aumento do acesso à eletricidade na redução da pobreza é comprovada empiricamente.

Por fim, as variáveis população urbana e educação não apresentaram significância estatística em nenhum dos modelos, independentemente da variável *proxy* de globalização utilizada. Os resultados da população urbana foram distintos aos verificados nos estudos de Deyshappria (2018) e Khan & Majeed (2018), em que se apresentam como estatisticamente significativos. Khan & Majeed (2018) consideram que a expansão das indústrias e dos serviços, resultantes da globalização, é responsável por uma realocação estrutural, o que gera melhores oportunidades de emprego para os pobres nas cidades, permitindo que estes se afastem da vulnerabilidade da pobreza rural extrema. No caso desta variável, a insignificância estatística poderá ser justificada pela reduzida variabilidade observada, em grande parte dos países da amostra, no período em análise. Do mesmo modo, a educação não apresentou significância estatística ao contrário dos estudos de Deyshappria (2018), Khan & Majeed (2018) e Salahuddin et al. (2020). Estes autores concluíram que a educação tem uma influência negativa na pobreza, ou seja, que o aumento dos níveis educacionais reduz a pobreza. De facto, também, Pal (2024) afirma que a educação é vista como um dos fatores cruciais para a redução da pobreza uma vez que o ensino permite o acesso a melhores oportunidades de emprego. Uma possível explicação para a insignificância estatística desta variável poderá estar relacionada com o facto de o número de observações deste indicador ser relativamente limitado, para os países considerados na amostra, durante o período em análise. Como se pode verificar na tabela 3, este indicador é o que apresenta o menor número de observações na amostra, totalizando, apenas, 264 observações.

5. Conclusões

De acordo com Deyshappria (2018), a globalização refere-se à integração entre os países, garantindo a partilha eficiente de conhecimento, tecnologia, bens e serviços, além da mobilidade de pessoas entre as diversas nações. A globalização é uma realidade e nenhum país pode ignorá-la (Garg & Sushil, 2022).

Embora existam estudos que exploram a relação entre a globalização e a pobreza, a maioria concentra-se no impacto indireto da globalização sobre a pobreza, considerando fatores como a desigualdade de rendimentos (e.g., Shastri et al. (2022) e Tabash et al. (2024)), o crescimento económico (e.g., Inekwe et al. (2020) e Shastri et al. (2022)), a inclusão financeira (e.g., Sethi et al. (2021) e Villanthenkodath & Pal (2024)) e os efeitos da globalização nas empresas (e.g., Li & Rui (2024)). Em resultado, muitas pesquisas empíricas utilizam medidas indiretas de pobreza como variável dependente, como por exemplo, o coeficiente de Gini, medidas de inclusão financeira e o Índice de Desenvolvimento Humano, em vez de uma métrica direta. Adicionalmente, os estudos empíricos que analisaram a relação direta entre globalização e pobreza, incidem, geralmente, sobre países em desenvolvimento e revelam conclusões controversas, visto que alguns veem a globalização como uma solução para a redução da pobreza, enquanto outros consideram que esta é a causa da pobreza (Khan & Majeed, 2018). Deste modo, o presente trabalho procurou explorar o impacto da globalização na pobreza num grupo de países em desenvolvimento, a América Latina, dado que tem sido negligenciado na literatura.

Assim, este estudo estimou um modelo de regressão linear de efeitos fixos, através de dados em painel para uma amostra de 15 países da América Latina para o período de 2000 a 2019, incorporando também dummies anuais. O indicador de pobreza aplicado, como variável dependente do modelo, foi a taxa de pobreza de 2,15 dólares por dia e a globalização, a variável explicativa principal, foi representada pelo índice de globalização KOF, assim como pelas suas três dimensões (económica, social e política), de forma individual e em conjunto. Para além disso, foram introduzidas no modelo cinco variáveis de controlo (a governação, a população urbana, a educação, as despesas públicas em saúde e o acesso à eletricidade), cuja seleção foi baseada nos estudos que analisaram a relação direta entre a globalização e a pobreza e que constam da tabela 1.

Tal como nas investigações de Deyshappria (2018), Hassan et al. (2020), Khan & Majeed (2018), Li et al. (2022) e Salahuddin et al. (2020), os resultados gerais deste estudo revelam uma relação negativa e estatisticamente significativa entre o índice de globalização KOF e a pobreza, o que significa que, durante o período em análise, a globalização permitiu aliviar os níveis de pobreza na América Latina. O mesmo se observou ao analisar isoladamente a globalização política, que também apresentou uma relação negativa e estatisticamente significativa com a pobreza. No entanto, quanto às dimensões social e económica, as conclusões foram distintas, visto que estas variáveis não emergiram como estatisticamente significativas.

No que concerne às variáveis de controlo, destacam-se os resultados relativos à qualidade da governação (medida pela eficácia do governo), às despesas públicas em saúde e ao acesso à eletricidade, que se mostraram estatisticamente significativas em todos os modelos, independentemente das diferentes *proxies* de globalização aplicadas, e apresentaram um coeficiente negativo, relevando um importante contributo para o alívio da pobreza. No caso das restantes variáveis de controlo, estas não se manifestaram estatisticamente significativas.

Deste modo, os resultados deste estudo permitem retirar algumas implicações em termos de políticas. Em primeiro lugar, os países da América Latina devem concentrar-se, sobretudo, na globalização política, visto que os resultados revelaram um efeito significativo desta dimensão da globalização no alívio dos níveis de pobreza. Em segundo lugar, este grupo de países devem investir em políticas que promovam uma boa qualidade da governação, o acesso da população a cuidados de saúde e à eletricidade, garantindo uma melhor qualidade de vida e, consequentemente, uma redução da pobreza.

Apesar da robustez dos resultados, a presente investigação apresenta algumas limitações. Por um lado, a indisponibilidade de dados relativos à pobreza para alguns países da América Latina, levou à exclusão de 5 países, nomeadamente, de Cuba, Guatemala, Haiti, Nicarágua e Venezuela. A exclusão destes países pode ter consequências nos resultados e, consequentemente, nas conclusões para a região em análise. Por outro lado, o período temporal do estudo está limitado até 2019 de modo a não capturar efeitos adversos resultantes da pandemia COVID-19 na pobreza.

Adicionalmente, dado que a pobreza é um conceito multidimensional que pode ser avaliado através de diversos indicadores, futuras investigações poderiam combinar

simultaneamente medidas diretas e indiretas. Entre as medidas diretas, destaca-se a taxa de pobreza, que foi aplicada neste estudo e é amplamente utilizada para avaliar a pobreza monetária, bem como o *poverty gap* adotado por Hassan et al. (2020). Quanto às medidas indiretas, poderiam ser consideradas variáveis como a esperança média de vida ou a taxa de mortalidade infantil, à semelhança dos estudos de Olaide & Hassan (2024) e Salahuddin et al. (2020).

Bibliografia

Akpa, A. F., Okafor, V. I., Osabuohien, E., & Bowale, E. (2024). Financial development and income inequality: Direct and indirect transmission mechanisms in Sub-Saharan Africa. *Transnational Corporations Review*, *16*(3), 200048. https://doi.org/10.1016/j.tncr.2024.200048

Alvi, E., & Senbeta, A. (2014). Foreign Aid, Growth, and Poverty Relation: A Quantile Regression Approach. *The Journal of Developing Areas*, *48*(3), 381–403. https://doi.org/10.1353/jda.2014.0046

Asongu, S. (2014). Financial development dynamic thresholds of financial globalization: Evidence from Africa. *Journal of Economic Studies*, *41*(2), 166–195. https://doi.org/10.1108/JES-03-2012-0039

Badmus, J. O., Bisiriyu, S. O., & Alawode, O. S. (2022). Does COVID-19 shock endanger the flows of FDI in OECD? Empirical evidence based on AMG panel estimator. *Future Business Journal*, *8*(1), 19. https://doi.org/10.1186/s43093-022-00132-w

Banco Mundial. (2024a). *Poverty and Inequality*. https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/themes/poverty-and-inequality.html

Banco Mundial. (2024b, Outubro 15). *Poverty*. https://www.worldbank.org/en/topic/poverty/overview

Belaïd, F. (2018). Exposure and risk to fuel poverty in France: Examining the extent of the fuel precariousness and its salient determinants. *Energy Policy*, *114*, 189–200. https://doi.org/10.1016/j.enpol.2017.12.005

Belaïd, F., & Flambard, V. (2023). Impacts of income poverty and high housing costs on fuel poverty in Egypt: An empirical modeling approach. *Energy Policy*, *175*, 113450. https://doi.org/10.1016/j.enpol.2023.113450

Berger, N. (2014, Junho 23). *Theorist Eric Maskin: Globalization Is Increasing Inequality*. World Bank Group. https://www.worldbank.org/en/news/feature/2014/06/23/theorist-eric-maskin-globalization-is-increasing-inequality

Bergh, A., & Nilsson, T. (2010). Do liberalization and globalization increase income inequality? *European Journal of Political Economy*, *26*(4), 488–505. https://doi.org/10.1016/j.ejpoleco.2010.03.002

Boukhatem, J. (2016). Assessing the direct effect of financial development on poverty reduction in a panel of low- and middle-income countries. *Research in International Business and Finance*, *37*, 214–230. https://doi.org/10.1016/j.ribaf.2015.11.008

Busse, M., Dary, S. K., & Wüstenfeld, J. (2024). Trade liberalisation and manufacturing employment in developing countries. *Structural Change and Economic Dynamics*, *70*, 410–421. https://doi.org/10.1016/j.strueco.2024.05.003

Comissão Económica para a América Latina (CEPAL). (2022, Novembro 24). *Poverty Rates in Latin America Remain Above Pre-Pandemic Levels in 2022, ECLAC Warns*. https://www.cepal.org/en/pressreleases/poverty-rates-latin-america-remain-above-pre-pandemic-levels-2022-eclac-warns

CRINU. (2024a). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/

CRINU. (2024b). *ODS 1 -A luta para erradicar a pobreza*. https://unric.org/pt/ods-1-a-luta-para-erradicar-a-pobreza/

CRINU. (2024c). *Pobreza*. https://unric.org/pt/eliminar-a-pobreza/

Deyshappria, R. (2018). Globalization-Poverty Nexuses: Evidences from Cross-Country Analysis. *Empirical Economic Review*, *1*(1), 25–48. https://doi.org/10.29145/eer/11/010102

Dithmer, J., & Abdulai, A. (2017). Does trade openness contribute to food security? A dynamic panel analysis. *Food Policy*, *69*, 218–230. https://doi.org/10.1016/j.foodpol.2017.04.008

Durongkaveroj, W. (2024). Structural transformation and inequality: Does trade openness matter? *The World Economy*, *47*(6), 2631–2663. https://doi.org/10.1111/twec.13560

Fairtrade Foundation. (2015). *Delivering the sustainable development goals through trade: A five-point agenda for policy coherence*. https://www.fairtrade.org.uk/wp-

content/uploads/2020/07/Delivering-the-SDGs-through-Trade_Five-Point-Agenda_FINAL.pdf

Gardiner, R., & Hajek, P. (2024). The Role of R&D Intensity and Education in a Model of Inequality, Growth and Risk of Poverty: Evidence from Europe. *Journal of the Knowledge Economy*, *15*(1), 1845–1870. https://doi.org/10.1007/s13132-023-01169-0

Garg, S., & Sushil, S. (2022). Impact of de-globalization on development: Comparative analysis of an emerging market (India) and a developed country (USA). *Journal of Policy Modeling*, *44*(6), 1179–1197. https://doi.org/10.1016/j.jpolmod.2022.10.004

Gujarati, D. N. (2004). *Basic econometrics* (4.ª ed.). McGraw−Hill.

Halkos, G. E., & Aslanidis, P.-S. C. (2023). Causes and Measures of Poverty, Inequality, and Social Exclusion: A Review. *Economies*, *11*(4), 110. https://doi.org/10.3390/economies11040110

Harrison, A., & McMillan, M. (2007). On the links between globalization and poverty. *The Journal of Economic Inequality*, *5*(1), 123–134. https://doi.org/10.1007/s10888-006-9041-9

Hassan, M. S., Bukhari, S., & Arshed, N. (2020). Competitiveness, governance and globalization: What matters for poverty alleviation? *Environment, Development and Sustainability*, *22*(4), 3491–3518. https://doi.org/10.1007/s10668-019-00355-y

Henry, P. B. (2007). Capital Account Liberalization: Theory, Evidence, and Speculation. *Journal of Economic Literature*, *45*(4), 887–935. https://doi.org/10.1257/jel.45.4.887

Hu, T., & Lee, A. H. (2015). Tobacco control and tobacco farming in African countries. *Journal of Public Health Policy*, *36*(1), 41–51. https://doi.org/10.1057/jphp.2014.47

Huang, K., Yan, W., Sim, N., Guo, Y., & Xie, F. (2022). Can trade explain the rising trends in income inequality? Insights from 40 years of empirical studies. *Economic Modelling*, *107*, 105725. https://doi.org/10.1016/j.econmod.2021.105725

Inekwe, J. N., Jin, Y., & Valenzuela, M. R. (2020). Income inequality, financial flows and political institution: sub-Saharan African financial network. *Empirical Economics*, *58*(6), 2635–2665. https://doi.org/10.1007/s00181-019-01634-3

Kaufmann, D., Kraay, A., & Mastruzzi, M. (2011). The Worldwide Governance Indicators: Methodology and Analytical Issues. *Hague Journal on the Rule of Law*, *3*(02), 220–246. https://doi.org/10.1017/S1876404511200046

Ketu, I., & Nguea, S. M. (2024). Globalization and the "zero hunger" goal in Africa: Starving in an open world? *Journal of International Development*. https://doi.org/10.1002/jid.3928

Khan, F. N., & Majeed, M. T. (2018). Globalization and Poverty Nexus: A Panel Data Analysis. *Forman Journal of Economic Studies*, *14*, 143–174. https://doi.org/10.32368/FJES.20181407

Khurshid, N., Akram, N., & Rashid, M. (2025). Exploring the non-linear impact of information and communication technology, globalization, and geopolitical risks on poverty in Pakistan. *Research in Globalization*, *10*, 100272. https://doi.org/10.1016/j.resglo.2025.100272

KOF Swiss Economic Institute. (2024). *KOF Globalisation Index*. https://kof.ethz.ch/en/forecasts-and-indicators/indicators/kof-globalisation-index.html

Le, H.-C., & Le, T.-H. (2023). Effects of economic, social, and political globalization on environmental quality: international evidence. *Environment, Development and Sustainability*, *25*(5), 4269–4299. https://doi.org/10.1007/s10668-022-02243-4

Levitas, R., Pantazis, C., Fahmy, E., Gordon, D., Lloyd, E., & Patsios, D. (2007). *The multi-dimensional analysis of social exclusion*. https://dera.ioe.ac.uk/id/eprint/6853/1/multidimensional.pdf

L'Huillier, B. M. (2016). Has Globalization Failed to Alleviate Poverty in Sub-Saharan Africa? *Poverty & Public Policy*, *8*(4), 368–386. https://doi.org/10.1002/pop4.158

Li, L., & Rui, X. (2024). Corporation Participation in Poverty Alleviation: A Bibliometric Analysis and Content Review. *Journal of the Knowledge Economy*. https://doi.org/10.1007/s13132-024-01867-3

Li, Y., Wang, J., & Oh, K. (2022). Effects of Globalization on the Convergence of Poverty Levels among Asian Countries. *International Economic Journal*, *36*(2), 193–205. https://doi.org/10.1080/10168737.2022.2052742

Mahembe, E., & Odhiambo, N. M. (2021). Does foreign aid reduce poverty? A dynamic panel data analysis for sub-Saharan African countries. *The Journal of Economic Inequality*, *19*(4), 875–893. https://doi.org/10.1007/s10888-021-09496-5

Mao, C., Koide, R., Brem, A., & Akenji, L. (2020). Technology foresight for social good: Social implications of technological innovation by 2050 from a Global Expert Survey. *Technological Forecasting and Social Change*, *153*. https://doi.org/10.1016/j.techfore.2020.119914

Matkovskyy, R. (2020). A measurement of affluence and poverty interdependence across countries: Evidence from the application of tail copula. *Bulletin of Economic Research*, *72*(4), 404–416. https://doi.org/10.1111/boer.12227

Nakamura, K., Kaihatsu, S., & Yagi, T. (2019). Productivity improvement and economic growth: lessons from Japan. *Economic Analysis and Policy*, *62*, 57–79. https://doi.org/10.1016/j.eap.2018.11.002

Olaide, B., & Hassan, M. (2024). Accounting for the interconnectedness of globalization, growth, and poverty towards achieving sustainable development. *Quality & Quantity*, *58*(6), 5655–5681. https://doi.org/10.1007/s11135-024-01908-8

Pal, S. (2024). Do economic globalization and the level of education impede poverty levels? A non-linear ARDL approach. *The Journal of Economic Inequality*, *22*(3), 621–667. https://doi.org/10.1007/s10888-023-09608-3

Prasad, K., & Vatsal, V. (2013). Impact of Globalization and sustainability in Africa. *Global Journal of Management and Business Studies*, *3*(8), 923–428.

Ramskyi, A. (2021). Ways to Overcome Poverty and Income Inequality in the Context of New Global Challenges: the Most Important Conclusions for Ukraine. *Comparative Economic Research. Central and Eastern Europe*, *24*(3), 53–73. https://doi.org/10.18778/1508-2008.24.21

Sacks, A., & Levi, M. (2010). Measuring Government Effectiveness and Its Consequences for Social Welfare in Sub-Saharan African Countries. *Social Forces*, *88*(5), 2325–2351. https://doi.org/10.1353/sof.2010.0044

Salahuddin, M., Vink, N., Ralph, N., & Gow, J. (2020). Globalisation, poverty and corruption: Retarding progress in South Africa. *Development Southern Africa*, *37*(4), 617–643. https://doi.org/10.1080/0376835X.2019.1678460

Sethi, P., Bhattacharjee, S., Chakrabarti, D., & Tiwari, C. (2021). The impact of globalization and financial development on India's income inequality. *Journal of Policy Modeling*, *43*(3), 639–656. https://doi.org/10.1016/j.jpolmod.2021.01.002

Shastri, S., Giri, A. K., & Mohapatra, G. (2022). Foreign capital inflows and poverty linkages in South Asia: Do the forms of capital inflows matter? *Economic Systems*, *46*(3), 101018. https://doi.org/10.1016/j.ecosys.2022.101018

Shin, S.-H. (2009). A Study on the Economic Benefits of Globalization: Focusing on the Poverty and Inequality between the Rich and the Poor. *International Area Review*, *12*(2), 191–214. https://doi.org/10.1177/223386590901200210

Song, Y., Paramati, S. R., Ummalla, M., Zakari, A., & Kummitha, H. R. (2021). The effect of remittances and FDI inflows on income distribution in developing economies. *Economic Analysis and Policy*, *72*, 255–267. https://doi.org/10.1016/j.eap.2021.08.011

Tabash, M. I., Elsantil, Y., Hamadi, A., & Drachal, K. (2024). Globalization and Income Inequality in Developing Economies: A Comprehensive Analysis. *Economies*, *12*(1), 23. https://doi.org/10.3390/economies12010023

van Meerhaeghe, M. A. G. (2012). Globalisation: concept, outcome, future—a continental view. *European Journal of Law and Economics*, *33*, 239–306. https://doi.org/10.1007/s10657-011-9275-2

Villanthenkodath, M. A., & Pal, S. (2024). An asymmetric analysis of overall globalization on financial inclusion. *Journal of Financial Economic Policy*. https://doi.org/10.1108/JFEP-01-2024-0006

Wadhwa, D. (2018, Setembro 19). *The number of extremely poor people continues to rise in Sub-Saharan Africa*. https://blogs.worldbank.org/en/opendata/number-extremely-poor-people-continues-rise-sub-saharan-africa?_gl=1*dy7n1e*_gcl_au*MTA0ODYzNzkyOC4xNzE5MzI5NTMw

Wooldridge, J. M. (2010). *Econometric analysis of cross section and panel data* (2.ª ed.). The MIT Press.

Wu, Y., Naqvi, S. M. M. A., & Yasin, I. (2024). Dynamic Relationship Between Social Factors and Poverty: A Panel Data Analysis of 23 Selected Developing Countries. *Journal of the Knowledge Economy*. https://doi.org/10.1007/s13132-024-01843-x

Yameogo, C. E. W., Omojolaibi, J. A., & Dauda, R. O. S. (2021). Economic globalisation, institutions and environmental quality in Sub-Saharan Africa. *Research in Globalization*, *3*, 100035. https://doi.org/10.1016/j.resglo.2020.100035

Zhang, Z., Ma, C., & Wang, A. (2021). A longitudinal study of multidimensional poverty in rural China from 2010 to 2018. *Economics Letters*, *204*, 109912. https://doi.org/10.1016/j.econlet.2021.109912

Anexos

Tabela A1 - Países que constituem a amostra

Código do país	Nome do país	Código do país	Nome do país
ARG	Argentina	HND	Honduras
BOL	Bolívia	MEX	México
BRA	Brasil	PAN	Panamá
CHL	Chile	PRY	Paraguai
COL	Colômbia	PER	Perú
CRI	Costa Rica	DOM	República Dominicana
ECU	Equador	URY	Uruguai
SLV	El Salvador		

Nota: Não existe uma definição universal dos países que constituem a América Latina. Neste caso serão considerados estes 15 países dado que todos eles são independentes e todos têm o espanhol ou o português como línguas oficiais. Embora Cuba, Guatemala, Haiti, Nicarágua e Venezuela, também cumpram estes critérios (com a exceção do Haiti, cujo idioma oficial é o francês, também derivado do latim), foram excluídos da análise devido à falta de dados destes países relativos à variável dependente.

Figura A1 - Evolução do Índice de Globalização KOF no Mundo, 1990-2019

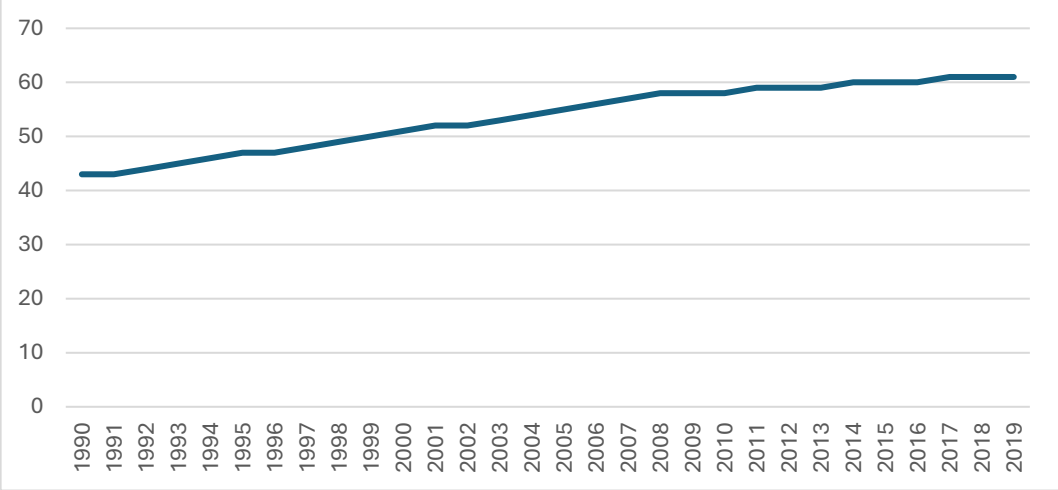


Figura A2 - Evolução da Taxa de Pobreza de 2.15$ por dia (2017 PPP) (% da população) nos 15 países da amostra, 2000-2019

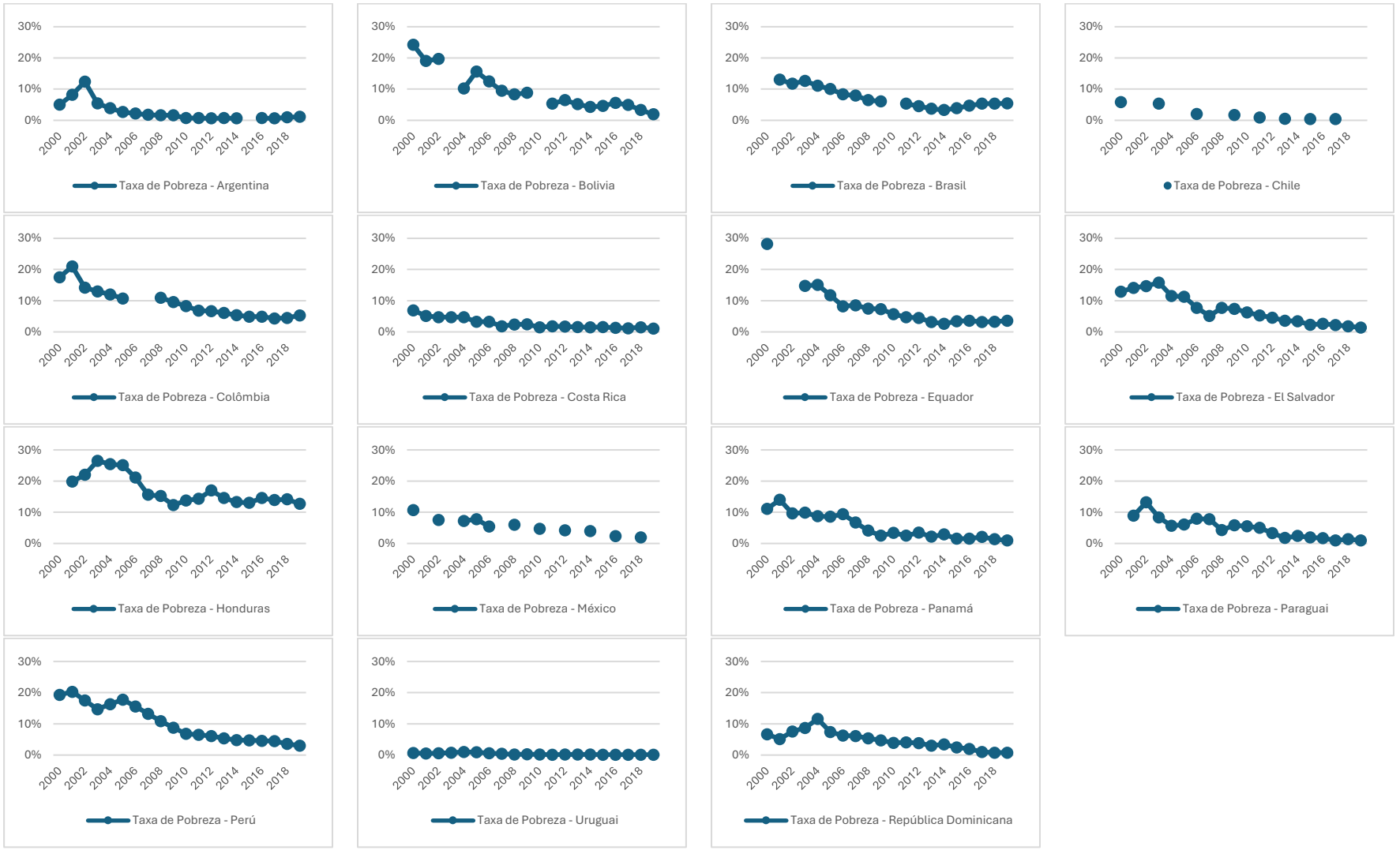


Figura A3 - Evolução do Índice de Globalização KOF nos 15 países da amostra, 2000-2019

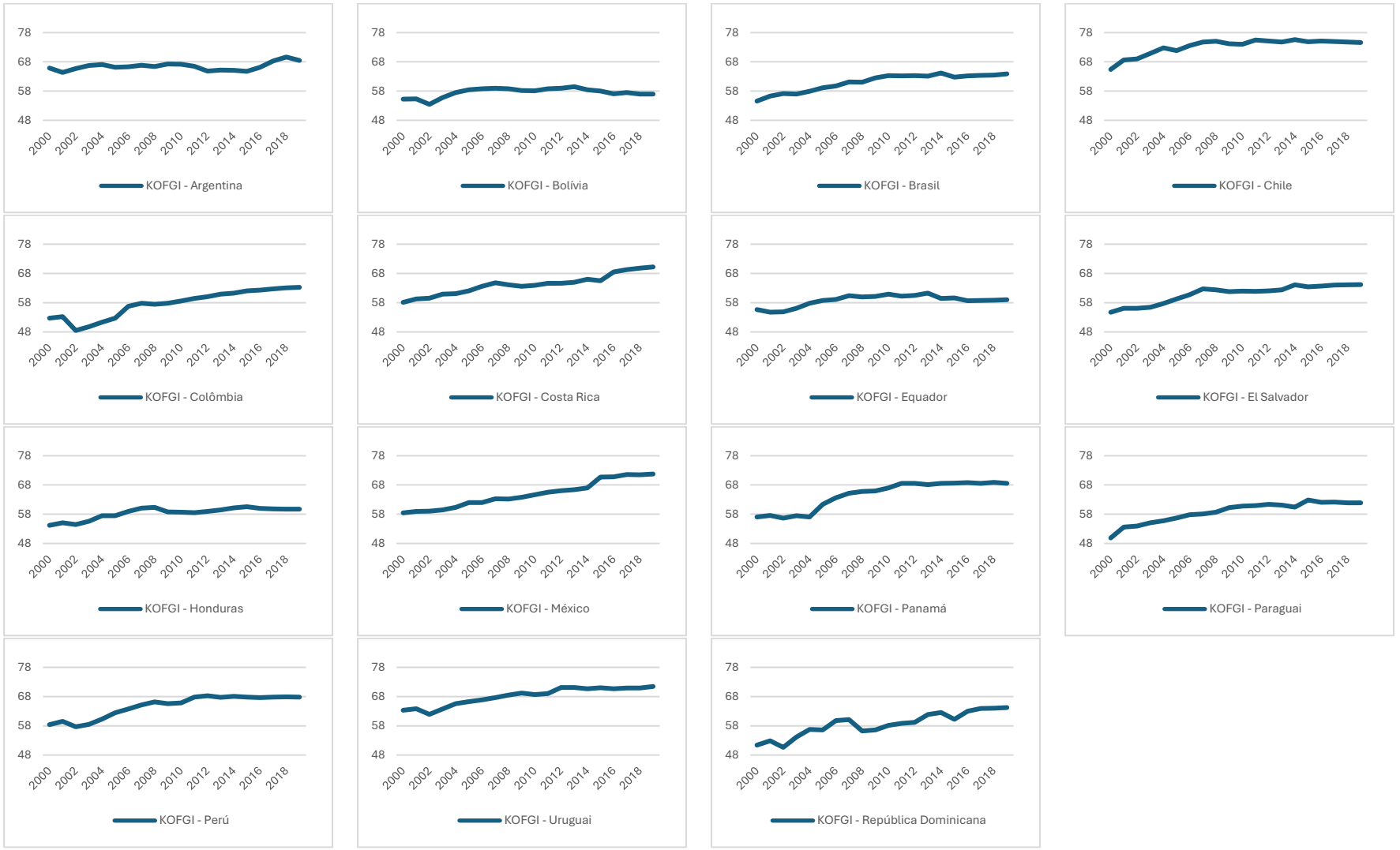


Tabela A2 - Teste VIF

Modelos	Média VIF	Máx. VIF
Modelos 1A e 1B	2.08	3.03
Modelos 2A e 2B	1.96	2.88
Modelos 3A e 3B	2.03	2.94
Modelo 1C	2.47	3.66
Modelo 2C	2.31	3.58
Modelo 3C	2.42	3.60
Modelo 1C.Ec	2.45	4.94
Modelo 1C.So	2.43	3.37
Modelo 1C.Po	2.23	4.84
Modelo 1C.Ec.So.Po	2.83	5.19

Tabela A3 - Teste de Hausman

Modelos	Chi-Sq. Statistic (p-value)
Modelo 1B	16.01 (0.0137)
Modelo 2B	12.79 (0.0464)
Modelo 3B	28.46 (0.0001)
Modelo 1C	125.70 (0.0000)
Modelo 2C	123.69 (0.0000)
Modelo 3C	108.21 (0.0000)
Modelo 1C.Ec	123.95 (0.0000)
Modelo 1C.So	121.19 (0.0000)
Modelo 1C.Po	135.26 (0.0000)
Modelo 1C.Ec.So.Po	132.15 (0.0000)

Tabela A4 - Teste Wald

Modelos	p-value
Modelo 1C	0.0012
Modelo 2C	0.0111
Modelo 3C	0.0009
Modelo 1C.Ec	0.0067
Modelo 1C.So	0.0023
Modelo 1C.Po	0.0001
Modelo 1C.Ec.So.Po	0.0000